



ABRALIN
EM CENA

fake news
e linguagem

21 A 23 NOV 2019
CAMPINAS – SP

5	O evento
7	Chamada
10	Metodologia
12	Comissões
14	Convidados
54	Programação
62	Mesas
128	Informações
128	Modalidades de participação
129	Submissão de trabalhos
129	Inscrições
130	Valores
130	Datas importantes
131	Regras para apresentação
131	Regras para certificação
131	Publicação de trabalhos
135	Local
137	Contato



O evento

O tema “Fake News e Linguagem”, que está sendo proposto para o ABRALIN em CENA 2019, é um dos eventos regionais anuais promovidos pela Associação Brasileira de Linguistas, a ABRALIN. Ele foi proposto pelo Centro de Lógica e Epistemologia da Unicamp e por seis cursos de pós-graduação: Linguística da UNICAMP; Linguística Aplicada da UNICAMP; Língua Portuguesa/USP; Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana/USP; Linguística e Língua Portuguesa/UNESP-Araraquara; Linguística da UFSCar.

O evento pretende contemplar o tema Fake News e Linguagem de forma disciplinar, a partir de perspectivas sociocognitivas e aplicadas de estudo da linguagem, e de forma interdisciplinar, convocando pesquisadores de diferentes campos de estudos: ciências humanas – história, antropologia, ciências sociais, ciências econômicas e jurídicas, jornalismo, comunicação social, estudos literários – e ciências médicas, exatas e da computação.

**Nossos objetivos
com o evento são:**

(i) dar visibilidade ao papel central da linguagem para a compreensão do fenômeno das Fake News;

(ii) colocar o campo de estudos da linguagem, mais especialmente os estudos lingüísticos, em diálogo direto e aberto com pesquisadores de outros campos, de forma a divulgar o modo como a ciência linguística vem se abrindo para o trabalho inter e transdisciplinar e também de forma a contribuir para a compreensão da natureza do fenômeno.

Chamada

Com acesso de aproximadamente 70% da população brasileira à internet, em geral através do celular (IBGE, 2018), a diferença do modo de circulação de informação nas novas mídias nos traz desafios que vão desde a distinção entre o valor da verdade científica e a verdade dos fatos até – em nosso caso – uma reflexão voltada para os países que navegam e produzem informação em língua portuguesa. O que é possível fazer para melhor compreendermos o fenômeno das notícias falsas no ambiente digital e criar condições para promover o acesso igualitário à informação e ao conhecimento online?

As notícias falsas não são novidades entre nós, e sempre houve a possibilidade de se incomodar com elas assim como de verificá-las. Por exemplo, Hannah Arendt (1967), em *Verdade e Política*, aponta para as dificuldades estruturais da relação entre a política e a verdade. Michel Foucault ([1983–84] 2011), em *A Coragem da Verdade*, nos leva pela história dos siste-

mas de pensamento na compreensão da verdade em suas aulas no Collège de France.

Do ponto de vista epistemológico, ao refletirmos a partir de uma racionalidade, poderíamos pensar em desinformação, ou em equívocos. Entretanto, o que estamos presenciando na realidade brasileira é muitas vezes um agenciamento de novas tecnologias de maneira a conduzir o leitor de boa fé, sem que ele tenha à disposição recursos claros e objetivos para se dar conta deste investimento das notícias falsas em integrar modificar e arraigar seus valores. Da perspectiva da linguagem, há um mundo de relações e imprecisões no qual precisamos compreender melhor. A Agência Lupa, que iniciou o processo de checagem de fatos no Brasil, aponta para uma gradação de categorias que vão de: Verdadeiro (A informação está comprovadamente correta), Verdadeiro, mas... (A informação está correta, mas o leitor merece mais explicações), Ainda é cedo para dizer (A informação pode vir a ser verdadeira. Ainda não é), Exagerado (A informação está no caminho correto, mas houve exagero), Contraditório (A informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte), Subestimado (Os dados são mais graves do que a informação), Insustentável (Não há dados públicos que comprovem a informação), Falso (A informação está comprovadamente incorreta) e De olho (Etiqueta de monitoramento). Lúcia Santaella (2018), em A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa? aponta, entre outras possibilidades, para um ambiente da pós-verdade, em que nós escolheríamos deliberadamente acreditar em algo e desconsiderar fatos que venham a destituir nossas crenças. São caminhos de reflexão para os quais convidamos você.

A Unesco em relação às transformações e inovações digitais propõe que trabalhemos para «facilitar a aquisição de habilidades básicas no uso de computadores para todos, popularizar a implementação do uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) para o desenvolvimento sustentável e a paz». No caso deste evento, nós

queremos refletir a respeito deste fenômeno das fake news e aprender a dinâmica das notícias falsas no ambiente digital em língua portuguesa. Isto nos permitirá apresentar referências à/o cidadã/o falante de língua portuguesa de modo que ela/ele possa identificar que está recebendo uma notícia falsa, negociar novas informações para rever o que recebeu, e estar melhor informada/o sobre seus assuntos preferidos.

Se você se interessa pelo tema, e deseja participar desta reflexão coletiva, submeta um resumo para a organização do Abralín em Cena: Fake News e Linguagem.

Referências

Agência Lupa <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>>

Arendt, H. Verdade e política. Título original: «Truth and Politics». Este texto foi publicado pela primeira vez em The New Yorker, em Fevereiro de 1967 e integrado no livro «Between Past and Future», editado no ano seguinte.. Tradução: Manuel Alberto in <<http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/11/Verdade-e-pol%C3%ADtica.pdf>>

Foucault, M. A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1984-1984), tradução Eduardo Brandão, São Paulo, Editora Martins Fontes, 2011, 339p. Isbn 978-85-7827-476-4

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, Isbn 978-85-240-4481-6, IBGE, 2018, in <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=23205>>.

Santaella, L. A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa? Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018, 98p. Isbn 978-85-68552-80-3

UNESCO. Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), in <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/digital-transformation-and-innovation/media-and-information-literacy/>>

Metodologia

O evento está organizado de forma a contemplar pelo menos um linguista no diálogo com pesquisadores de outros campos. Os temas escolhidos convocam tanto os pesquisadores de outros campos como os linguistas a pensarem sobre a centralidade do papel da linguagem nos mais diversos contextos de produção e recepção das fake news.

O evento contará com 10 (dez) mesas-redondas, 02 (dois) pockets shows e (02) Open Fóruns. Além disso, há a previsão de apresentação de 64 trabalhos, a serem selecionados pela comissão científica do evento.

A proposta é que esta edição do evento “ABRALIN em Cena” contemple pesquisadores de diferentes áreas: linguística, comunicação social, ciências da computação, educação, ciências humanas, estudos literários, ciências exatas, ciências biológicas e ciências jurídicas.

Acreditamos que as discussões a serem levadas tal como estão organizadas poderão ser de grande contribuição para a compreensão do papel da linguagem na emergência de um fenômeno social tão importante nos dias de hoje que são as “fake news”.

O formato desta ABRALIN em Cena pode contribuir de forma qualificada, tanto disciplinar como inter e transdisciplinarmente para a formação dos alunos de Letras e Linguística, assim como para a formação dos alunos de outras áreas, que deverão considerar, de forma mais contundente e informada, o papel dos estudos lingüísticos na compreensão de fenômenos sociais importantes.

Comissões

Comissão organizadora

- Claudia Wanderley (Presidente) (CLE/UNICAMP)
- Anna Christina Bentes (Vice-presidente) (IEL/UNICAMP)
- Miguel Oliveira, Jr. (UFAL)
- Edwiges Maria Morato (IEL/UNICAMP)
- Eleonora Albano (IEL/UNICAMP)
- Beatriz Raposo (FFLCH/USP)
- Adrian Pablo Fanjul (FFLCH/USP)
- Paulo Segundo (FFLCH/USP)
- Jean Cristtus Portela (UNESP-Araraquara)
- Oto Vale (UFSCar)
- Marcelo Buzato (UNICAMP)

Comissão científica

- Claudia Wanderley (CLE/UNICAMP)
- Anna Christina Bentes (IEL/UNICAMP)
- Edwiges Maria Morato (IEL/UNICAMP)
- Eleonora Albano (IEL/UNICAMP)
- Beatriz Raposo (FFLCH/USP)
- Paulo Segundo (DLF/USP)
- Marcelo Buzato (IEL/UNICAMP)
- Adrian Pablo Fanjul (FFLCH/USP)
- Márcia Mendonça (IEL/UNICAMP)
- Simone Hashiguti (UFU)
- Sandra Cavalcante (PUC-Minas)
- Junia Zaidan (UFES)
- Oto Vale (UFSCar)
- Margarida Salomão (UFJF)
- Inês Signorini (IEL/UNICAMP)
- Wilmar da Rocha D'Angelis (UNICAMP)
- Kanavilil Rajagapolan (UNICAMP)
- Miguel Oliveira (UFAL)
- Maria Eduarda Giering (UNISINOS)

CONVIDADOS



Adrián Pablo Fanjul

USP

Professor livre-docente na USP, atuando na graduação e pós-graduação no Departamento de Letras Modernas. Desenvolve pesquisas comparativas na área, entre as línguas espanhola e portuguesa na América do Sul. Coordena ações de cooperação internacional para pós-graduação e tem ministrado cursos em diversos programas de mestrado e doutorado da Argentina, a partir de 2005, e de Cabo Verde em 2003.



Ana Arnt

IB/UNICAMP

Professora do Instituto de Biologia e do Programa de Pós-Graduação Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática na Unicamp. Atua na área de Educação, com ênfase em Estudos em Educação em Ciências, e tem como principais temas de trabalho e pesquisa: corpo, sexualidade, eugenia, práticas escolares, disciplina, educação em ciências e ensino de biologia.

CONVIDADOS



Anna Christina Bentes

UNICAMP

Professora Livre-Docente do Departamento de Linguística da Unicamp. Pesquisadora do CNPq, tem experiência nas áreas de Linguística Textual, Sociolinguística e Linguística Aplicada. Seus estudos concebem a abordagem da língua(gem) a partir de uma teoria da prática social. Seus temas de pesquisa são: a heterogeneidade do fenômeno linguístico, com ênfase nos estudos sobre a elaboração de estilos e a formação de registros linguísticos, considerando especialmente recursos textuais-discursivos e multissemióticos, além do fenômeno da reflexividade; a produção, a circulação e a recepção de gêneros do discurso; a estruturação de práticas interativas institucionais.



Beatriz Raposo

USP

Professora doutora da USP desde 2003. Tem experiência na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: fonética, fonologia, linguagem, fala e canto. Seu trabalho de pesquisa enfatiza questões fonológicas e as relações entre a fala e o canto que apontam para os aspectos lingüísticos em interação com a música.

CONVIDADOS



Carlos Etulain

UNICAMP

Professor-doutor da FCA na Unicamp. Doutor em Ciências Sociais e mestre em Economia. Atuou como Consultor Sênior do programa do PNUD/Banco Mundial para a Argentina e como professor em universidades na Argentina e no Brasil. Tem experiência na área de Economia e Ciências Sociais, com ênfase em teoria e história econômica e pensamento social latino-americano.



Claudia Wanderley

UNICAMP

Pesquisadora no Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da Unicamp. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso. Trabalha com fortalecimento de línguas, culturas e epistemes locais, atuando principalmente nos seguintes temas: multilinguismo, tecnologia da linguagem, política da produção do conhecimento, divulgação científica, crítica epistemológica, processos de individuação, alfabetização midiática, informacional e diálogo intercultural.

CONVIDADOS



Débora Mazza

UNICAMP

Diretora Associada da FE/UNICAMP e docente do Departamento de Ciências Sociais na Educação. Participa do Programa de Pós Graduação em Educação e do Grupo de Pesquisa em Políticas, Educação e Sociedade (GPPES). Seus trabalhos enfocam principalmente os seguintes temas: educação e escolarização; pensamento social brasileiro; Florestan Fernandes; circulação de pessoas, saberes e práticas; Estado, Políticas Públicas e Educação.



Edwiges Morato

UNICAMP

Professora Livre-Docente do Departamento de Linguística da Unicamp. Pesquisadora do CNPq, tem experiência na área de Linguística e de Neurolinguística, com ênfase nos estudos que envolvem as relações entre linguagem, interação e cognição. Trabalha com os seguintes temas, a partir de uma perspectiva sociocognitiva de cunho interacionista e com o concurso de metodologias voltadas para o estudo da linguagem em uso, especialmente no contexto neurolinguístico (afasias e Doença de Alzheimer): referenciação, enquadres cognitivos/frames, figuratividade, processos de ordem meta, tópico discursivo, linguagem & memória, processos de significação verbal e não verbal.

CONVIDADOS



Eleonora Albano

IEL/UNICAMP

Professora titular no departamento de Linguística na Unicamp. Trabalha na fronteira entre a linguística e as ciências cognitivas, com foco em fonética e fonologia. Tem interesses transdisciplinares que abrangem também a aquisição de linguagem e a estatística de unidades e padrões fônicos. É membro do conselho editorial de vários periódicos nacionais e internacionais e tem atuado no conselho científico de encontros científicos nacionais e internacionais.



Esther Colombini

UNICAMP

Professora do Instituto de Computação da Unicamp, mestre e doutora em Engenharia Eletrônica e Computação pelo ITA, atuando principalmente nos seguintes temas: sistemas autônomos, aprendizado de máquina, robótica móvel e sistemas atencionais. Atualmente, é diretora de Competições Científicas da Sociedade Brasileira de Computação.

CONVIDADOS



Eliara Santana

PUC-MG

É doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa, na linha de Análise do Discurso, pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Também graduada em Comunicação Social – Jornalismo – pela PUC Minas e em Ciências Sociais, com ênfase em Ciência Política, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com especialização em Revisão de Textos pelo IEC – PUC Minas. Tem experiência de atuação na área de Comunicação, com ênfase em jornalismo e editoração de periódicos, assessoria de imprensa e consultoria, tendo atuado como coordenadora de comunicação, sendo diretamente responsável pela edição, redação e revisão de publicações diversas,

como jornais, revistas, relatórios, livros comemorativos, além de organização de oficinas de redação para diversas instituições. É pesquisadora associada do Manchetômetro – website de acompanhamento da cobertura midiática, iniciativa do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP), do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – e editora de texto da Revista ContraPonto, publicação do programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

CONVIDADOS



Lara Beleli

IFCH/UNICAMP

Possui graduação em história pela Universidade Estadual de Campinas (1983), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999), doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2005), pós-doutorado no ISCTE-Lisboa (2008), pós-doutorado na Universitat Rovira i Virgili, Tarragona-Espanha (2012). Atualmente é pesquisadora e Editora do cadernos pagu, Núcleo de Estudos de Gênero - PAGU/Unicamp. Suas reflexões estão voltadas para variadas mídias, especialmente Internet, atravessada por gênero em intersecção com outras diferenças (raça/etnia, sexualidade, nacionalidade) em diálogo com Teorias Feministas e de Gênero.



Inês Signorini

IEL/UNICAMP

Professora titular do Depto de Linguística Aplicada na Unicamp. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: letramento; formação do professor; linguagem e identidade; linguagens e tecnologias; Linguística Aplicada e transdisciplinaridade.

CONVIDADOS



Ivana Bentes

UFRJ

Professora Titular da UFRJ. Ensaísta, professora, curadora e pesquisadora acadêmica, atuante na área de comunicação e cultura, com ênfase nas questões relativas ao papel da comunicação, da produção audiovisual e das novas tecnologias na cultura contemporânea. Foi diretora da Escola de Comunicação da UFRJ de 2006 a 2013. É atualmente Pró-Reitora de Extensão da UFRJ.



Jorge Souto Maior

DESEMBARGADOR – TRT-CAMPINAS

Jurista e Professor Livre-Docente em Direito do Trabalho Brasileiro pela USP, desde 2001. Foi Juiz Titular na 3ª Vara do Trabalho de Jundiaí de 1998 até 2018. Em 16 de agosto de 2018, tomou posse como Desembargador no Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região. Também é palestrante e conferencista.

CONVIDADOS



Jean Cristtus Portela

UNESP-ARARAQUARA

Pós-doutor em Semiótica pela Universidade de Limoges (França), Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp de Araraquara (SP), Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (PR) e Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo pela Unesp de Bauru (SP). É professor do Departamento de Linguística e professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus de Araraquara. É pesquisador do CNPq (Nível 2) e líder do Grupo de Pesquisa em Semiótica da Unesp (GPS-Unesp). Editor-chefe dos CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada e autor e tradutor de diversas publicações científicas, desen-

volve pesquisas em história e epistemologia das ciências da linguagem, especialmente da semiótica. É pesquisador responsável pelo projeto Semiótica do discurso: epistemologia e história (processo Fapesp n. 2016/22466-0) e corresponsável pelo projeto bilateral Semiotic Approaches to Syncretic Discourses (processo Sprint Fapesp/FNRS n. 2016/50473-0). Foi vice-coordenador do GT de Semiótica da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), no biênio 2010-2012, e tesoureiro da Federação Românica de Semiótica (2015-2018). Atualmente, é Presidente da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (ABES).

CONVIDADOS



Junia Zaidan

UFES

É Professora Adjunta III de Língua Inglesa e Linguística Aplicada na UFES. Participa do Grupo do Cnpq “Literatura, Indústria Cultural e Letramento Crítico”. Já conduziu pesquisa nas áreas de cognição (aquisição de língua estrangeira), discurso e interação. Os temas que pesquisa atualmente interseccionam-se com os campos da Literatura, Linguística Aplicada Crítica, Sociologia, Educação, Comunicação Social e Estudos da Tradução.



Kanavillil Rajagopalan

UNICAMP

Professor titular da Universidade Estadual de Campinas. Atua há mais de trinta anos na área de Linguística. Autor de renomadas publicações na área de semântica e pragmática, um dos principais pesquisadores do CNPq. Suas obras são referência frequente nos cursos de Letras do Brasil.

CONVIDADOS



Manuela D'Ávila

Jornalista, mestra em Políticas Públicas (UFRGS), foi Deputada Estadual (2015–2019), Deputada Federal (2007–2015), Vereadora de Porto Alegre (RS) e candidata à Vice–Presidência da República em 2018. Integrou a Frente Parlamentar em Defesa da Liberdade na Internet e é Fundadora do Instituto “E se fosse você?”, sobre conscientização e combate às notícias falsas e conteúdo de ódio.



Marcelo Buzato

UNICAMP

Professor livre–docente da Universidade Estadual de Campinas, atuante nas temáticas que envolvam “Linguagem e Sociedade” e “Linguagens e Tecnologias”. Membro do Conselho Editorial da Revista Brasileira de Linguística Aplicada e da revista Trabalhos em Linguística Aplicada. Coordena o grupo de pesquisa “Linguagem, Tecnologias e Pós–humanidade/sociedade”, do CNPq.

CONVIDADOS



Márcia Mendonça

IEL/UNICAMP

Docente do Departamento de Linguística Aplicada da Unicamp. Centra suas pesquisas em (multi) letramentos, letramentos do mundo do trabalho, ensino-aprendizagem de língua materna, materiais didáticos, organização curricular, análise linguística e formação de professores. Realiza assessorias a instituições de ensino, ongs e órgãos públicos no tocante a políticas públicas de educação, organização curricular, formação de professores e análise e elaboração de materiais didáticos.



Maria Manoel Baptista

UNIV. DE AVEIRO PORTUGAL

Professora auxiliar com agregação da Universidade de Aveiro (Portugal) e diretora do Programa Doutoral em Estudos Culturais das Universidades de Aveiro e do Minho. Nos últimos anos, seus trabalhos envolvem também relações entre a universidade e o ativismo social e tornou-se cofundadora e Presidente da Irenne, Associação de Investigação, Prevenção e Combate à Violência e Exclusão, onde desempenha as funções de coordenadora científica. Participa de diversas redes de investigação nacionais e internacionais e de cooperação para o trabalho científico.

CONVIDADOS



Miguel Oliveira

UFAL

Doutor em Linguística pela Universidade Simon Fraser (Vancouver, Canadá). Trabalhou como pesquisador associado na Universidade do Sul da Dinamarca (Odense, Dinamarca), no Instituto de Linguística Teórica e Computacional, ILTEC (Lisboa, Portugal), na Universidade de Manchester (Manchester, Reino Unido), no Instituto Max Planck de Atropologia Evolucionária, MPI (Leipzig, Alemanha), e na Universidade de St Andrews (St Andrews, Escócia, Reino Unido). Colaborou em pesquisas desenvolvidas no FitchLab, da Universidade de Viena (Viena, Áustria) e no Language Lab, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (Cambridge, EUA). Foi pesquisador visitante no Laboratório de Pesquisa em Eletrônica (RLE) do Instituto

de Tecnologia de Massachusetts (Cambridge, EUA) e professor visitante no Departamento de Psicologia da Universidade da Califórnia, Davis (Califórnia, EUA). Trabalha como professor associado de Linguística na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e é atualmente presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Atua principalmente nas seguintes áreas: prosódia, fonética experimental, psicolinguística e documentação linguística.

CONVIDADOS



Odilon Roble

FEF/UNICAMP

Graduado em Filosofia, Especialista em Psicanálise, Licenciado em Educação Física, Mestre e Doutor em Educação. É professor do Departamento de Educação Física e Humanidades da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Desenvolve pesquisas sobre Filosofia do Esporte, Filosofia e Estética do corpo e Filosofia da Dança. É membro da Associação Internacional de Filosofia do Esporte.



Oto Vale

UFSCAR

Professor Associado do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos na área de Linguística, com ênfase em Linguística Computacional. Atua principalmente nos seguintes temas: expressões cristalizadas, léxico-gramática, dicionários eletrônicos e linguística de corpus.

CONVIDADOS



Paula Vermeersch

UNESP - PRESIDENTE PRUDENTE

Professora de História da Arte e da Arquitetura no departamento de Geografia da FCT-Unesp, câmpus de Presidente Prudente. Foi pesquisadora da Comissão da Verdade da Unesp (CEDEM-Fundunesp), em 2014, e desde 2016 participa como membro titular da Comissão da Verdade da Adunesp.



Paulo Segundo

USP

Professor adjunto em Filologia e Língua Portuguesa na FFLCH, USP. Tem experiência na área de Linguística, com pesquisas orientadas à articulação entre linguagem, cognição e discurso. Atua, principalmente, no campo da Análise Crítica do Discurso, na interface com a Linguística Sistemico-Funcional, com a Linguística Cognitiva e com a Teoria da Argumentação e na área de Linguística Aplicada. Um dos editores da Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação (EID&A).

CONVIDADOS



Peter Schutz

FCA/UNICAMP

Professor titular da FCA-Unicamp e atualmente Secretário de Comunicação da Unicamp.

Tem experiência na área de Física da Matéria Condensada, atuando principalmente nos seguintes temas: sistemas de baixa dimensionalidade e suas propriedades de transporte eletrônico. Atua também na divulgação científica, em especial sobre nanociência, monitoramento da atividade científica (cienciometria) e estudos críticos de universidades.



Regina Facchini

IFCH/UNICAMP

Graduada em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1995), mestre em Antropologia Social (2002) e doutora em Ciências Sociais (2008) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu e professora permanente do Programa de Doutorado em Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, todos na UNICAMP. É pesquisadora do CNPq (Bolsista de Produtividade em Pesquisa Nível 2). Publicou 28 artigos em periódicos especializados, nove livros ou dossiês em periódicos especializados e 17 capítulos de livros. Orientou sete dissertações de mestrado (três em andamento), 12

CONVIDADOS

teses de doutorado (sete em andamento), 14 pesquisas de iniciação científica (uma em andamento), três trabalhos de conclusão de curso de graduação e supervisionou três pesquisas de pós-doutorado (duas em andamento). Sete das pesquisas que orientou contaram com estágios no exterior, em países como Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, México e Argentina e atualmente integra projeto de colaboração com o Digital Ethnography Research Centre, RMIT University (Austrália), todos projetos apoiados pela FAPESP. Foi diretora regional sudeste (2017–2018) e coordenadora do Comitê de Gênero e Sexualidade (2015–2016) da Associação Brasileira de Antropologia (ABA); coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu (2017–2019); editora do periódico Cadernos Pagu (2014–2017); coordenadora da Área de Estudos de Gênero do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unicamp (2013–2016); e representante dos editores de Ciências Humanas no Comitê Consultivo SciELO Brasil (2014–2016). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura e política; gênero, sexualidade, corporalidades e interseccionalidades; coprodução do conhecimento científico; violência, sofrimento social e subjetivação. Atua, ainda, na área de Saúde Coletiva, especialmente nos seguintes temas: aids; gênero, sexualidade e saúde; saúde reprodutiva; políticas públicas e saúde.



Sandra Cavalcante

PUC-MG

Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas, onde atua na linha de pesquisa Enunciação e Processos Discursivos. Pesquisa fenômenos de caráter semântico-pragmático com base em arcabouços teóricos do campo da Linguística Cognitiva e da Semiótica Cognitiva. Atua como professora do Curso de Especialização em Texto Criativo: leitura e escrita do Instituto de Educação Continuada da PUC Minas.

CONVIDADOS



Sandra Luna

UFPB

Professora Titular do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPB. Seus trabalhos acadêmicos enfatizam sobretudo os seguintes temas: Teoria e História Literária, Dramaturgia, Literatura Anglo-Americana, Literatura Comparada, Estudos Comparados entre Literatura e Cinema. Coordena, desde 2005, o Círculo de Estudos Avançados em Dramaturgia, em parceria com a Profa. Dra. Suzi Frankl Sperber.



Sávio Cavalcante

UNICAMP

Professor do Departamento de Sociologia na Unicamp, diretor do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx). Tem experiência de ensino e pesquisa nas áreas de Sociologia e Ciência Política, com pesquisas principalmente relacionadas aos seguintes temas: Teoria sociológica, Sociologia Política, Classes sociais, Classe Média, Sociologia do Trabalho.

CONVIDADOS



Simone Hashiguti

UFU

Professora Associada do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora e Mestra em Linguística Aplicada, pela Unicamp. Tem experiência nas áreas de Linguística e Linguística Aplicada, atuando principalmente com os seguintes temas: corpo e outras materialidades visuais, ensino/aprendizagem de língua inglesa, produção de materiais didáticos, tecnologias de informação e comunicação na educação e educação a distância. É líder do Grupo de Pesquisa: O Corpo e a Imagem no Discurso.



Suzi Sperber

IEL/UNICAMP

Professora Titular da Unicamp. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura comparada, hermenêutica, Guimarães Rosa, teatro - pesquisa e ação dramática.

CONVIDADOS



Vinicius Romanini

USP

Professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e presidente da Sociedade Brasileira de Ciências Cognitivas (SBCC) para a gestão 2017–2019. Atuante em pesquisas sobre semiótica como lógica da comunicação e o uso de ferramentas de Big Data na formação da opinião pública. É pesquisador do Centro de Lógica e Epistemologia da Ciência (CLE) da Unicamp e participa de diversos grupos de pesquisa que focam na relação entre semiótica, informação, design e comunicação.

PROGRAMAÇÃO

21 NOV >>

8H45 – 9H15

Abertura

Autoridades: Reitor, Diretores (CLE/IEL), Presidente da Abralín, Coordenadoras do Evento

9H30 – 10H30

Fake news e o papel da linguagem no futuro da comunicação no Brasil

Coordenação: Miguel Oliveira
Participantes: Ivana Bentes (ECO-UFRJ), Kanavilil Rajagopalan (IEL-UNICAMP)

11H – 13H

Fake news e big data: o papel da linguagem

Coordenação: Edwiges Morato (IEL/UNICAMP)
Participantes: Marcelo Buzato (IEL/UNICAMP), Oto Vale (UFSCar), Esther Colombini (IC/UNICAMP)

PROGRAMAÇÃO

21 NOV <<

14H – 16H

Fake news, cultura de massa e linguagem: o papel do texto e do discurso

Coordenação: Débora Mazza (FE/UNICAMP)
Participantes: Vinicius Romanini (ECA/USP), Anna Christina Bentes (IEL/UNICAMP), Paulo Segundo (USP)

16H – 18H

Linguagem das/nas fake news

Coordenação: Simone Hashiguti (UFU)
Participantes: Edwiges Morato (IEL/UNICAMP), Sandra Cavalcante (PUC-MG) e Beatriz Raposo (USP)

18H – 19H

Open Fórum com o Intervenozes e Coalizão de Direitos na Rede

Lançamento da Cartilha Desinformação: ameaça ao direito à comunicação muito além das fake news

19H-21H

Fake news na divulgação da ciência e no jornalismo

Coordenação: Anna Christina Bentes (IEL/UNICAMP)
Participantes: Eliara Santana (PUC-MG,) Maria Eduarda Giering (UNISINOS), Adrian Pablo Fanjul (FFLCH- USP)

PROGRAMAÇÃO

22 NOV

9H – 11H	<p><u>Fake news e suas repercussões nas humanidades</u></p> <p>Coordenação: Jean Cristtus Portela (UNESP-Araraquara)</p> <p>Participantes: Sávio Cavalcante (IFCH/UNICAMP), Carlos Etulain (FCA/UNICAMP), Junia Zaidan (UFES)</p>
11H – 13H	<p><u>Fake news, movimentos sociais e resistência: o papel da linguagem</u></p> <p>Coordenação: Cláudia Wanderley (CLE-UNICAMP)</p> <p>Participantes: Regina Facchini (IFCH/UNICAMP), Maria Manuel Baptista (Universidade de Aveiro, Portugal), Iara Beleli (IFCH/UNICAMP)</p>
14H – 18H	Apresentação de trabalhos
18H – 19H	Pocket Show com Gustavo Conde
19H – 21H	<p><u>Fake news e Letramento digital</u></p> <p>Coordenação: Sandoval Nonato Gomes-Santos (USP)</p> <p>Participantes: Márcia Mendonça (IEL/UNICAMP), Cláudia Wanderley (CLE-UNICAMP), Patrícia Blanco (Palavra Aberta)</p>

PROGRAMAÇÃO

23 NOV

9H – 11H	<p><u>O papel da linguagem na produção de fake news na ciência</u></p> <p>Coordenação: Inês Signorini (IEL/Unicamp) Participantes: Peter Schutz (FCA/UNICAMP), Eleonora Albano (IEL/UNICAMP), Ana Arnt (IB/UNICAMP)</p>
11H – 13H	<p><u>Fake news na relação com a literatura, com o corpo e com a história</u></p> <p>Coordenação: Suzi Sperber Participantes: Sandra Luna (UFPB), Paula Vermeersch (UNESP–Presidente Prudente), Odilon Roble (FEF–UNICAMP)</p>
14H – 18H	<p>Apresentação de trabalhos</p>
18H – 19H	<p>Pocket Show: Fake News no Samba Grupo Qualquer Nota</p>
19H	<p><u>Open Fórum – Enfrentamento das Fake News: Política, Justiça e Linguagem</u></p> <p>Coordenação: Cláudia Wanderley (CLE–UNICAMP) e Anna Christina Bentes (IEL–UNICAMP) Participantes: Margarida Salomão (Linguista), Manuela D’Ávila (Jornalista), Desembargador Jorge Souto Maior (TRT–Campinas)</p>

Mesas

21 NOV | 9H30 – 10H30

FAKE NEWS E O PAPEL DA LINGUAGEM NO FUTURO DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL

Coordenação: Miguel Oliveira

Participantes: Ivana Bentes (ECO-UFRJ), Kanavillil Rajagopalan (IEL-UNICAMP)

RESUMO

‘FAKE NEWS’: UM VELHO FENÔMENO COM NOVOS DESDOBRAMENTOS

Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan

Professor Titular (aposentado-colaborador), Unicamp; UESB, UFT e CNPq
rajagopalan@uol.com.br

O fenômeno que hoje chamamos de ‘Fake news’ é, no fundo, um velho conhecido. Em verdade, suas raízes remontam os tempos antigos. A ideia de espalhar notícias aos quatro ventos no intuito de influenciar (e sequestrar!) a opinião pública e tirar proveito sempre aflorou em todos os cantos do mundo. Assim, os casos que costumamos apelidar de ‘rumores’, ‘boatos’,

‘fofocas’ e por aí vai, todos eles abrigam as sementes do fenômeno em pauta. Até mesmo o gesto de propositadamente exagerar uma informação por quaisquer interesses pode ser visto como um esforço de “distorcer” a verdade de alguma forma, e, por conseguinte, compartilhar uma das marcas distintivas de fake news. Porém, o termo “fake news” ganhou uma força incrível e notoriedade com o avanço da Internet e, no seu rastro, as redes sociais. Uma das primeiras consequências dessa mudança é que se tornou difícil caracterizar as ‘fake news’ como simples “notícias falsas”. A razão porque isso acontece é que o conceito de verdade que alavancaria a definição de “notícia falsa” parece ter se deslocado da vertente filosófica que a encara como uma questão de correspondência para uma questão muito mais de coerência. Ora, as redes sociais são verdadeiras fábricas de “mundos alternativos” da verdade. O filósofo alemão Leibniz parece ter antevisto o que para ele era um futuro ainda remoto. Na minha exposição, pretendo destrinchar os desdobramentos dessa visada leibniziana sobre a problemática contemporânea de fake news, assim como a crise de verdade e veredização que desponta como resultado. O fenômeno merece toda a nossa atenção. Porém, engana-se quem pensa que vale a pena procurar uma bala de prata para acabar de vez com o problema que ameaça as nossas mais valiosas conquistas como o sistema democrático de governança, segurança e integridade nacional etc. Posto que a possibilidade de distorção é inerente à própria constituição e propagação de informação, nada pode substituir o imperativo de vigilância e preparo contra ataques cibernéticos e interpessoais.

Palavras chave: fake news; redes sociais; vigilância; ataques cibernéticos.

21 NOV | 11H – 13H

**FAKE NEWS E BIG DATA:
O PAPEL DA LINGUAGEM**

Coordenação: Edwiges Morato
(IEL/UNICAMP)

Participantes: Marcelo Buzatto
(IEL/UNICAMP), Oto Vale (UFSCar),
Ester Colombini (IC/UNICAMP)

RESUMO

**FAKE NEWS E A VOZ DO WETWARE: UMA
PROPOSTA DE ABORDAGEM TEÓRICA**

Marcelo El Khouri Buzato

Unicamp, Doutor, mbuzato@unicamp.br

Objetiva-se propor um modelo ecológico, de inspiração pós-humanista, para o estudo de formas textuais-discursivas voltadas para a desinformação e a manipulação da opinião pública nas mídias sociais, o que inclui as fake news. Trata-se de conceber a produção e a circulação sistemáticas de mentiras de aparência plausível num sistema de interpretância composto por três camadas de atividade integradas em diferentes escalas: a física (hardware), a lógico-probabilística (software) e a biopsicossocial humana (wetware). Toma-se, da semiótica ecossocial de Jay Lemke, o princípio de que as

interações materiais-semióticas se organizam em escalas “empilhadas”; sendo que as escalas superiores capturam graus de liberdade disponíveis em escalas inferiores para gerar novas formas de atividade própria, estabelecendo-se, assim, escalas intermediárias. Propõe-se tratar as fake news como entes da escala entre a das interações locais quotidianas e a do processamento da massa de dados capturados pelo software das mídias sociais, que produz correlações entre perfis de usuários e suas avaliações (relevância, concordância, desejabilidade) dos enunciados. Do trabalho de N. Kathrin Hayles sobre o ciborgue, empresta-se o conceito de “cognição técnica”; para explicitar a agência de robôs e IAs de mídias sociais na geração de nichos específicos do sistema ecossocial (ou “bolhas”) a partir dos referidos padrões de correlação. Da investigação sobre os modos de existência de Bruno Latour, toma-se o princípio de que as ontologias partilhadas por grupos culturais e instituições sociais são resultantes de modos particulares de articulação de enunciados, que implicam interpretações particulares da totalidade da existência, o que, por sua vez, gera um multiverso em que seres particulares sustentam sua própria existência passando(-se) por outros seres. Assim, quando o cidadão comum aceita o seu nicho como totalidade, o wetware (o elemento do sistema que opera sentido e emoção de forma interligada e inseparável) pode ser hackeado por enunciados desejáveis, que a cognição técnica aceita por serem verdadeiros logicamente, mas que, não resistindo à prova da referência concreta/material, não constituem seres próprios da ciência (também chamados de “fatos”). Espera-se que o modelo em construção, derivado de uma pesquisa anterior sobre ética pós-humana, seja útil para uma abordagem interdisciplinar da crescente “entropização” da esfera pública, ao facilitar o entrecruzamento de seres/saberes internos da linguística,

assim como os dela com os das ciências sociais, biológicas e da computação, e ainda os do direito e os das artes, entre outros.

Palavras-chave: fake news; pós-humanismo; semiótica ecossocial

RESUMO **TIPOLOGIA DAS NOTÍCIAS ENGANOSAS: COMO DISTINGUIR UMA VERDADEIRA FAKE NEWS?**

Oto Araújo Vale

DL-UFSCar, otovale@ufscar.br

Aquilo que chamamos aqui de notícias enganosas existem há muito tempo. Algumas, como o Protocolo dos Sábios do Sião, foram determinantes para aumentar e fomentar a onda de antissemitismo na Europa no início do Século XX. Além disso, a criação de notícias enganosas é um aspecto fundamental em tempo de guerra, quando a veracidade informação pode ser decisiva. As notícias enganosas se tornaram um problema de peso na sociedade principalmente a partir da consolidação das redes sociais. E essa difusão em massa desse tipo de notícia acabou por influenciar eleições em todo o mundo ocidental. Nesse sentido, essas notícias se tornaram um problema para a sociedade e, também, um problema linguístico. Neste trabalho aborda-se uma tipologia das notícias enganosas a partir da busca de pistas linguísticas

que possam caracterizar e, portanto, tornar passíveis de identificação automática essas notícias. Para tanto, é necessário estabelecer uma caracterização dos diversos tipos de notícias enganosas. Nesse sentido, boatos, informes equivocados, sátiras e notícias criadas expressamente com a finalidade de serem utilizadas para fins enganosos podem ser num primeiro momento confundidos. A pergunta de base seria assim formulada: é possível identificar traços linguísticos particulares a cada uma das categorias de notícias enganosas? Descrevemos aqui uma pesquisa que se encontra em andamento e que já teve alguns resultados interessantes. O primeiro passo realizado foi o de coletar um corpus de notícias claramente enganosas (Monteiro et al, 2018) e extrair dele alguns padrões a partir de taxonomias já conhecidas para buscar conteúdo enganoso (Zhou, 2004). Isso inclui, por exemplo, o tipo de verbos, adjetivos e advérbios utilizados, o tamanho das sentenças e o uso da pontuação. A partir disso, foram utilizados algoritmos de aprendizado de máquina, formalizando para o computador as pistas linguísticas com vistas a identificar aquele tipo de notícia. Isso era feito em contraste com notícias verdadeiras colhidas em sites de informação confiável, ou seja, a grande imprensa. Naquele primeiro trabalho já foi possível identificar com uma boa precisão novas notícias falsas. Os próximos passos dizem respeito à busca de elementos de distinção linguística entre notícias verdadeiras, notícias expressamente enganosas e outras notícias de conteúdo enganoso. Para tanto, estão sendo constituídos corpora de cada uma das categorias que deverão ser submetidos ao mesmo tipo de descrição.

Palavras chave: notícias enganosas; descrição linguística; linguística computacional

RESUMO

FAKE NEWS: COMO A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, O CÍRCULO SOCIAL E A EMPATIA SE ENCONTRAM NA DISSEMINAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS

Esther Luna Colombini

Instituto de Computação – Unicamp

A capacidade de uma máquina de realizar tarefas baseada em dados coletados do mundo está revolucionando e remodelando a forma como a computação se relaciona com a sociedade. Outrora restritos a sistemas de controle de estoque, venda de passagens ou computação científica, hoje os famosos “algoritmos” são notícia na mídia por sua notável capacidade de prever a probabilidade de um paciente desenvolver uma doença específica ou recomendar uma obra baseados na análise do perfil do leitor. Estamos entrando na era da Inteligência Artificial (IA) e os seus possíveis benefícios para a sociedade são incontáveis. A ONU, através do projeto “IA para o Bem”, por exemplo, busca identificar aplicações práticas capazes de acelerar o progresso da área na direção do desenvolvimento sustentável. Entretanto, a história da humanidade tem mostrado que nem todo conhecimento científico e tecnológico tem sido usado para o crescimento comum. Nessa direção, o movimento Brexit foi um dos primeiros exemplos conhecidos do uso da IA para o aliciamento de simpatizantes na direção de uma causa. Algoritmos capazes de agrupar pessoas em nichos e de reconhecer o padrão de ativida-

de e perfil das mesmas tornaram um grupo menosprezado pelos modelos clássicos de estudo de eleitorado o foco de interesse de operadores a favor da saída do Reino Unido da Comunidade Europeia. Os anúncios a favor do Brexit foram favorecidos por terem sido apresentados a estes grupos dentro de seus círculos sociais. Estudos mostram a importância do alinhamento ideológico quanto a tomada de decisão nos diversos círculos. Experimentos neurocientíficos demonstram, por exemplo, que a área do cérebro referente a dor é ativada em um companheiro que observa outro sofrer, e este comportamento espelho parece ser uma das bases do comportamento empático. No entanto, os mesmos experimentos mostram que diante do sofrimento de uma pessoa não ideologicamente alinhada, a área do cérebro do observador afetada é aquela referente ao prazer. A possível facilitação causada pelo círculo social, a natureza dos algoritmos aplicados nas redes sociais e o uso da IA para identificação de padrões e segmentação de grupos de indivíduos mais propícios a receberem determinadas notícias convergiram para uma receita explosiva na disseminação das “Fake News” nos últimos anos. Entretanto, ao invés de demonizarmos a IA, parece oportuno compreender as estratégias a partir das quais suas técnicas podem atuar no sentido de neutralizar as manipulações que dela se tem feito nestes cenários.

21 NOV | 14H – 16H

FAKE NEWS, CULTURA DE MASSA E LINGUAGEM: O PAPEL DO TEXTO E DO DISCURSO

Coordenação: Débora Mazza (FE/UNICAMP)

Participantes: Vinicius Romanini (ECA/USP), Anna Christina Bentes (IEL/UNICAMP), Paulo Segundo (USP), Adrián Pablo Fanjul (USP)

RESUMO

O CONTRIBUTO DE PAULO FREIRE E A ESCOLA SEM PARTIDO

Profa. Dra. Débora Mazza

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação (FE), Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Políticas, Educação e Sociedade (GPPES)

Email: dmazza@unicamp.br

A intervenção tem por objetivo analisar princípios que comparecem nas obras de Paulo Freire e traça um paralelo com os princípios defendidos pelo Projeto de Lei Escola sem Partido. Explora a abordagem político-pedagógica do autor, o pressuposto da educação como processo de recuperação de humanidades emancipadas, a metodologia dos círculos de cultura, o trabalho do professor pautado numa ação pedagógica como prática da liberdade e o exercício de problematização visando a conscientização dos sujeitos e a passagem dos educandos de um estado de imersão anestesiada na realidade para

um estado de emersão e inserção crítica nas dinâmicas do real. Em contraponto, apresenta o processo de tramitação no Congresso Nacional do Projeto de Lei que se tornou conhecido como Escola Sem Partido e desenvolve os princípios que o fundamentam (BOLSONARO, PL7180/2014). Ancorado na crítica aos Artigos 2º e 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996 e no Código de Defesa do Consumidor, o Projeto propõe a precedência da ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa. Analisa criticamente: os argumentos do aluno como audiência cativa do professor, a acusação da ocorrência de doutrinação política e ideológica em sala de aula, a denúncia da existência de disciplinas que colocam em conflito as convicções morais e religiosas dos estudantes e seus pais e o cerceamento à liberdade de consciência imposta aos estudantes por meio de técnicas subliminares e temas transversais trabalhados pelos professores. O artigo analisa comparativamente os dois referenciais e sugere que os ataques a Paulo Freire e sua influência no campo educacional se aglutinam em torno de um modelo de educação, presente em sua obra, que concebe a instituição escolar como um espaço de sociabilidades múltiplas e plurais, entre diferentes e desiguais, público, gratuito, laico, financiado pelo Estado republicano sob influência da racionalidade científica, secular, ancorado na profissionalização do professorado e na ideia de educação como um bem comum. O Projeto Escola sem Partido defende a primazia do poder da família, da esfera privada, da liberdade de escolha dos pais e do fortalecimento da formação moral e religiosa das crianças e dos jovens. Para tanto, ganha destaque as fake news e as estratégias discursivas de delação e desqualificação da profissão do professor e o ataque a escola pública como espaço de construção de cidadanias igualitárias.

RESUMO **UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA-SEMIÓTICA
PARA O PROBLEMA DAS FAKE NEWS**

Márcia Pinheiro Ohlson (USP), Anderson Vinicius Romanini (USP)

Como podemos definir fake news? Podemos dizer que “mentira”, “notícia falsa” ou “desinformação” são seus sinônimos? A julgar pela confusão em torno do termo, observamos uma dificuldade da epistemologia tradicional da comunicação em lidar com problemas complexos que emergem nas redes sociais digitais. Este artigo busca encontrar uma definição própria de fake news que dê conta do contexto no qual o fenômeno emerge e ir além. Buscamos encontrar nos ensinamentos do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce, do filósofo da linguagem John L. Austin e do filósofo da teoria crítica Walter Benjamin, caminhos para um avanço em direção à compreensão e, por que não, à erradicação do problema. A partir da semiótica e do pragmatismo de Peirce, entendemos fake news como símbolos proposicionais que procuram expressar a informação de um estado de coisas de mundos possíveis (não reais) usualmente criados ficcionalmente e compartilhados por comunidades de intérpretes que desenvolvem e compartilham argumentos e narrativas para alcançar propósitos político-ideológicos bem definidos. Dessa forma, nos distanciamos da concepção correspondencial de verdade para enfatizar a concepção pragmática, ou seja, a verdade sobre um estado

de coisas é aquilo que seria idealmente representando num símbolo desenvolvido por meio da experiência compartilhada por uma comunidade ideal de interpretantes, com recursos e tempo ideais para inquirir sobre sua fundamentação. Para fundamentar essa posição, vamos mostrar as diferentes maneiras de alcançar a crença na verdade expostas por Peirce, mostrando justamente que os símbolos fake news são produzidos pelas três formas não científicas de busca da verdade, pois elas não têm compromisso com a representação do real. Assim, criticamos as definições de fake news a partir do conceito de informação (por exemplo, desinformação e outras palavras cognatas). Aqui seguimos a lição de Benjamin em seu antológico ensaio sobre a reprodutibilidade da obra de arte: assim como a reprodutibilidade técnica alterou o conceito de arte, as técnicas digitais de difusão de conteúdo por meio das redes sociais, em especial pelo uso do Big Data e da inteligência artificial, alterou profundamente o conceito de notícia jornalística, sendo as fake news um subproduto desse processo de deslocamento. Por fim, defenderemos, a partir da obra de Austin, que fake news devem ser entendidas como atos de fala plenos, com dimensões sintáticas, semânticas e pragmáticas. A sintaxe é dada pela lógica dos memes, a semântica é dada pela representação de mundos fictícios (“mentirosos”), e a pragmática é dada pela busca de consequências e efeitos gerais no público-alvo para o qual a fake news se dirige. A felicidade do ato de fala a que uma fake news corresponde é justamente a de conseguir produzir uma crença na comunidade de intérpretes (ou seja, uma opinião pública) que produza ações na realidade. Assim, cria-se uma perigosa distopia: falsos mundos possíveis criados de forma maliciosa, e representados simbolicamente pelas fake news, distribuídos como memes difundidos massivamente nas redes sociais

por meio de métodos avançados de computação passam a ser formas potentes de influência na formação da opinião pública, inclusive sobrepunhando o discurso científico e impactando diretamente na história do mundo real. Num momento criticamente perigoso da civilização, a felicidade pragmática dos fake news produz efeitos trágicos e, talvez, irreversíveis para a sobrevivência de nossa espécie.

Palavras-chave: Fake news. Semiótica. Pragmatismo. Filosofia da Linguagem. Big Data.

RESUMO **FAKE NEWS E PRODUÇÃO DOS SENTIDOS: O TEXTO ALÉM DO TEXTO NO CONTEXTO DAS GUERRAS HÍBRIDAS**

Anna Christina Bentes (UNICAMP)

Um dos pressupostos do campo de estudos do texto é o de que os textos necessariamente emergem em determinados contextos. No caso das fake news, seus contextos mais amplos de emergência parecem ser o de (i) polarização de visões de mundo; (ii) guerra híbrida e (iii) possibilidade de disseminação rápida, via grandes plataformas de assuntos considerados urgentes, sensacionais e/ou de grande interesse. Participar das atividades de elaboração e de circulação/divulgação de fake news pode se constituir em uma distinção porque possibilita o acúmulo de pelo menos dois tipos de capital: o social, dado que esses grupos, em geral, vincu-

lam-se a movimentos conservadores e muito poderosos do ponto de vista político e econômico e dado que se profissionalizam, constituindo assim o grupo seletivo de experts na produção de um determinado gênero textual que “guia” as massas de pessoas por caminhos improváveis, para dizer o mínimo; e o econômico, dado que a produção de fake news é uma atividade altamente rentável, na verdade, um modelo de negócios das plataformas digitais. Nessa comunicação pretendo explorar duas teses relativamente a essas questões. A primeira pode ser formulada da seguinte forma: há uma sensação de empoderamento experimentada pelos usuários quando percebem que podem ser uma fonte relevante de informação. Nesse caso, o que conta é o poder de se influenciar outras pessoas, uma vontade historicamente legítima das classes subalternas. A segunda tese é a de que os que lêem e repassam fake news, além de não se questionarem sobre os conteúdos descompromissados com qualquer ideia de factualidade, usam os textos que recebem como instrumentos de uma guerra, na qual posicionam-se como soldados dispostos a executar uma de suas principais tarefas: acuar e humilhar o inimigo, antes de destruí-lo. Nesse sentido, é possível afirmar que o compartilhamento de textos de natureza fake não é feito considerando critérios de leitura e de circulação/divulgação de textos desenvolvidos no interior do campo escolar, acadêmico ou científico. Esses critérios estariam sendo mobilizados a partir das lógicas de dois outros campos: o jornalístico, mais especialmente, o jornalismo sensacionalista, e o campo político, agora fortemente regido por lógicas de guerra. Nos dois casos, o compromisso com algum horizonte de verdade e com os processos de construção de empatia pela diferença radical encontram-se suspensos. Como consequência, estratégias de negociação ou mesmo de crítica em relação aos senti-

dos sociais produzidos pelos textos também são suspensas. Nesses contextos, ler e divulgar o que se lê são ações que podem ser concebidas em duas direções complementares: na direção do sentido de identificação do sujeito com uma comunidade imaginária coesa na qual os mesmos valores sociais são compartilhados; e na direção de poder participar de atos de força de subjugação simbólica do inimigo.

Palavras-chave: fake news; sentidos sociais; texto; produção textual; compreensão textual.

RESUMO **QUANDO FAKE NEWS SE ARTICULAM A DISCURSOS DE EXCLUSÃO: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo

Universidade de São Paulo, Doutor, paulosegundo@usp.br

Nosso objetivo, nesta apresentação, é promover um debate teórico sobre a articulação entre fake news e discursos de exclusão no cenário sociopolítico brasileiro contemporâneo para, posteriormente, discutir possíveis encaminhamentos metodológicos para realizar esse tipo de investigação e análise. Para dar conta de tal proposta, partimos de uma articulação multidisciplinar norteada, em um plano, pelos objetos de estudo – as fake news e os discursos de exclusão, dentre os quais podemos incluir o discurso de ódio, a sua forma mais extremada –, e, em outro plano, pela natureza sociossemi-

ótica da própria prática em investigação. Em consequência disso, tomamos como base para a discussão sociossemiótica os pressupostos da perspectiva faircloughiana dos Estudos Críticos do Discurso, considerando seus desdobramentos recentes (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2003; Resende & Regis, 2017; Gonçalves-Segundo, 2018). Daremos especial atenção à concepção de prática discursiva (Gonçalves-Segundo, 2018), o que envolve os processos de produção, distribuição, consumo e interpretação de textos, e à teorização acerca da articulação entre modos de representar (discursos) e de agir (gêneros). Para uma discussão epistemológica e metodológica sobre fake news, dialogaremos com o quadro recente que vem se delineando no âmbito dos Estudos da Comunicação e do Jornalismo sobre o tema, que perpassa discussões sobre manipulação de informações, credulidade e confiabilidade (Berkowitz & Schwartz, 2016; Warble, 2017; Tandoc Jr., Lim & Ling, 2018; Brites, Amaral & Catarino, 2018; Barclay, 2018). Consideramos central nessa discussão o enquadramento conceitual de Warble (2017), que entende as fake news como práticas associadas à desordem informacional e suas subcategorias (dis-information, mis-information e mal-information). Por fim, para o debate sobre discursos de ódio e de exclusão, considerando o caráter dinâmico e instável dos processos de hegemonia, tomaremos como norte a epistemologia crítico-discursiva (van Dijk, 2015; Fairclough, 2003; Wodak, 2017) e a sociológica, em termos de reconhecimento (Herzog, 2013; Souza, 2018). O corpus analisado, que será ilustrativo para o enquadramento teórico-metodológico proposto, é composto por textos publicados ou compartilhados em redes sociais digitais, como Facebook, Twitter e WhatsApp, considerados falsos pelas agências especializadas em checagem de fatos, como a Agência Lupa e a Aos Fatos.

Palavras-chave: Fake news; Discurso de exclusão; Prática discursiva; Rede social; Desordem informacional.

RESUMO

**ENTRE O “FAKE” E O DESAPEGO:
DETERMINAÇÃO E COORDENADAS
DA ENUNCIACÃO**

Adrián Pablo Fanjul (USP/CNPq)

O desenvolvimento das redes sociais, fundamentalmente Facebook e Whatsapp, deu lugar a modos de reprodução e circulação de enunciados da mídia que ensejam uma relação com as coordenadas da enunciação diferente da que propiciava a mídia digital antes da possibilidade de compartilhamento. Dentre as variadas consequências dessas mudanças nos suportes da materialidade discursiva, exploraremos, nesta comunicação, três formas. Uma delas tem a ver com a temporalidade: a reprodução, como se fosse de último momento, de uma matéria, pelo geral do gênero notícia, que em verdade é anterior em dias, meses e até anos. A segunda é a determinação opaca do sintagma nominal em títulos principais, com efeitos de referência a um alcance de indivíduos dentro de uma mesma classe menos restrito do que informa o corpo da matéria, ou ainda a possível atribuição equívoca de um predicado a algum ou alguns desses indivíduos. A terceira é o próprio epígra-

fe colocado pelo enunciador que compartilha e o modo de leitura que ele antecipa.

Analizamos um conjunto de casos no compartilhamento de matérias no Brasil e na Argentina, a partir de posicionamentos ideológicos diversos. Tentamos uma reflexão que interroge o que esse tipo de compartilhamento indica sobre as formações imaginárias acerca dos interlocutores e dos objetos de discurso.

Palavras-Chave: fake news; redes sociais; determinação linguística

21 NOV | 16H – 18H

FAKE NEWS, CULTURA DE MASSA E LINGUAGEM: O PAPEL DO TEXTO E DO DISCURSO

Coordenação: Simone Hashiguti (UFU)

Participantes: Edwiges Morato(IEL/UNICAMP),

Sandra Cavalcante (PUC-MG) e

Beatriz Raposo (USP)

RESUMO

FAKE E JUNK NEWS NA SERVIDÃO DIGITAL

Simone Tiemi Hashiguti

Universidade Federal de Uberlândia

Se para o termo fake news podemos atribuir o sentido de fraude e de um viés principalmente político em sua criação e circulação, para o termo junk news, como explica Tomaso Venturini, podemos atribuir o sentido daquilo que se espalha de forma viral e que é consumido fácil e rapidamente, como a grande quantidade de junk food à disposição nos espaços urbanos. Para Venturini, as junk news instauram uma certa relação de toxicidade e dependência e vão se proliferando por transmissão e transformação, o que acaba por saturar o debate público. Neste trabalho, localizo-me entre o sentido de fraude e de vício para discutir: (1) estratégias discursivas de endosso nesses tipos de notícias e (2) o compartilhamento de postagens de notícias como essas em um funcionamento de servidão maquinica, conforme proposto na teoria

deleuzo-guattariana e retomado por autores como Maurizio Lazzarato. Para (1), analiso as transcrições de áudios do tipo “gente como a gente”, como comentado pela jornalista Juliana Gragnani, imagens adulteradas, dentre outros materiais. Discuto como os áudios e as imagens encontram eco em processos identificatórios de classe, religião e gênero que se entrelaçam com as questões políticas da extrema direita, constituindo uma representação do “trabalhador honesto” e de “gente de bem”, dentre os dualismos produtivos do neoliberalismo. Para (2), retomo o conceito de servidão maquinica a partir do qual entendemos que somos sujeitos de sujeição, individualizados como trabalhadores e consumidores em um sistema econômico que nos transforma em mecanismos de uma grande máquina coletiva que consiste de indivíduos, tecnologias, protocolos, semióticas, afetos. A servidão, explica Lazzarato, trata de liberar potências de produção. Neste sentido, não há separação entre o ser humano que duplica as mensagens que recebe e os bots que fazem o mesmo trabalho, pois não há mais distinção entre humanos e não-humanos, nem entre sujeito e objeto, já que somos todos partes de uma mesma engrenagem. As comunidades em rede e os aplicativos de redes são dispositivos em que humanos e não-humanos atuam para a manutenção de uma grande máquina econômico-política. Esse funcionamento desloca a discussão sobre uma relação de verdade ou realidade das fake/junk news para uma relação de fabricação de um inconsciente que determina desejos, percepções, sensibilidade, cognição. No âmbito dos estudos sobre a linguagem, creio, portanto, que seja menos o caso de encontrar maneiras de descobrir a origem dessas notícias e mais de problematizarmos as práticas de sua leitura.

Palavras-chave: Rizoma; Sujeição; Servidão Maquinica

RESUMO **A CONSTRUÇÃO TEXTUAL DAS FAKE NEWS:
FALTAR À VERDADE EQUIVALE A MENTIR?**

Edwiges Maria Morato

(IEL- Unicamp)

A proposta desta comunicação é, em um primeiro momento, discutir – com base em suas características linguístico-textuais e sociocognitivas – a relação entre as chamadas fake news e outras construções discursivas que afetam de algum modo a relação entre linguagem e realidade, como a confabulação e a mentira, ambas também associadas à gestão social e às contingências de várias ordens que regem a produção e a interpretação do sentido nas atividades de (re)construção do vivido.

Num segundo momento, a proposta desta comunicação é examinar o estatuto socio-pragmaticamente “infrator” dessas construções textuais, seja em relação à linguagem, seja em relação ao mundo social por ela e nela evocado e construído. A questão que aqui se coloca é: em que termos discutir a afirmação segundo a qual “nem sempre faltar à verdade equivale a mentir” se levarmos em conta tanto que a condenação da mentira parece ser um princípio ético tradicional (tal como se vê, por exemplo, na discussão aristotélica sobre a veracidade e a justiça, ou na relação entre a mentira e a política, estudada por Hanna Arendt, e entre verdade e mentira, focalizada por Rousseau),

quanto a tese de obliquidade da linguagem ou do nomadismo da verdade (Bento Prado Jr., 1985:86)?

Ao contrário das confabulações, falsas informações produzidas “sem intenção de iludir”, por exemplo, como no caso de pacientes neuropsiquiátricos (Morato, 1995), a mentira enfrenta injunções ético-discursivas que de algum modo reconhecem nela uma natureza pervertida. Entretanto, ainda que tratada sem a indulgência aplicada às situações de falha de memória ou de consciência, como nas situações clínicas, as fake news parecem, por vezes, resistir à condenação moral. Teria o fenômeno a ver com um abandono da tradição filosófica e sociocultural aludida acima? Teria o fenômeno a ver com as formas de fabricação da realidade em tempos do que vem sendo chamado de “pós-verdade”?

Seja como for, esse fenômeno não apenas filosófico, como também sociocognitivo não pode se privar da competência analítica dos estudiosos da linguagem e da comunicação. Para discuti-lo, esta comunicação pretende se valer de dados extraídos de discursos jornalístico, cotidiano e clínico.

Palavras-chave: fake new; confabulação; mentira; pós-verdade.

RESUMO **FAKE NEWS: A CREDULIDADE NA (DES)ORDEM INFORMACIONAL E EM SUA ENGENHARIA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA**

Sandra Maria Silva Cavalcante

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
scavalcante@puccinas.br

Vivemos um momento histórico em que estamos, como cidadãos, sendo imperativamente convidados a (não) refletir sobre a (des)ordem informacional que se impõe à vida social, através dos meios de comunicação (TV, rádio, portais virtuais multimídia, redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas). Essa atitude nos obriga a pensar sobre a natureza e o funcionamento das notícias falsas, especialmente, sobre seu processo de criação e propagação. Não há dúvida de que esse fenômeno sempre existiu sob diferentes nomes, formas e nível de repercussão (rumores, fofocas, calúnias, lendas). Nos dias atuais, a criação e propagação de notícias falsas podem emergir na forma de crenças públicas que se espalham sobre campos como a ciência, saúde, diferenças (inter)culturais, status de expertise autêntica (ARNOUD, 2019). Essas crenças e suas consequências determinam resultados eleitorais e impactam a agenda social, cultural, política, econômica, ambiental, do mundo em que vivemos (BOAVENTURA, 2018). Frente aos desafios que nos são impostos por esse cenário, como pesquisadora que se dedica à investigação de fenômenos de natureza linguístico-cognitiva, assumo como pressupostos que:

i) nos processos de interação simbólica (verbais, multimodais), com objetivos comunicativos os mais diversos, entre os quais de socializar informações em larga escala, os seres humanos compartilham, (inter)subjetivamente, a criação e a integração de cenários mentais (BRANDT, 2004; OAKLEY, 2008); ii) o impacto da propagação de notícias vincula-se à atitude humana da credulidade (FORGAS, BAUMEISTER, 2019); iii) na arquitetura linguístico-discursiva que possibilita a criação das fake news, o processamento metafórico, metonímico e intertextual assume uma importante função, a de gerar e gerir valor, elemento constitutivo das experiências emocionais humanas. Buscando analisar um corpus constituído por notícias falsas, reconhecidas por agências de checagem de fatos, sobre a crise humanitária da migração forçada, no Brasil e no mundo, pretendo discutir esses pressupostos. Dessa forma e afiliando-me à agenda internacional de defesa dos Direitos Humanos e da Cultura da Paz, espero poder contribuir para o aprofundamento da ideia de que, como professores e pesquisadores do campo dos Estudos Linguísticos, nos cabe assumir o compromisso inadiável da busca de compreensão do fenômeno das fake news e suas consequências, na estreita relação que essas estabelecem com o projeto de (des)ordem informacional a que estamos todos submetidos neste momento histórico (IRETON, POSETTI, 2018).

Palavras-chave: Fake News. (Des)ordem informacional. Credulidade. Intersubjetividades.

RESUMO **A VERDADE ESTÁ NO DETALHE DA VOZ. MAS QUEM QUER SABER DO DETALHE?**

Beatriz Raposo de Medeiros

Universidade de São Paulo (USP) – Professora Doutora –
biarm@usp.br

O que fez você desconfiar daquele áudio atribuído ao Randolfe Rodrigues (RR) em 17 de maio de 2017? Provavelmente alguns detalhes da voz do senador entravam em seus ouvidos e diziam: “Este não pode ser o RR falando”. Mesmo que o aparato cognitivo já estivesse confundido você o bastante diante do que sabe sobre o suposto dono da voz e o conteúdo da mensagem em áudio, havia algo que dizia: “... não pode ser RR”. No entanto, para a maioria das pessoas, a defasagem entre a voz e o conteúdo discursivo atrapalhou bastante uma escuta direcionada apenas para o som. O senador teve que enviar o áudio para os peritos e isso mostra o quanto uma imitação de voz e fala pode causar danos às pessoas e às instituições e, portanto, tem de ser rapidamente posta à luz da verdade.

Nesta apresentação tentarei mostrar como percepções de oitiva atribuem adjetivos à voz imitada e à do senador em possíveis explicações de que o áudio era fake para, em seguida, relacionar essas atribuições a aspectos sonoros mais objetivos. Tais aspectos sonoros são qualidade voz e traços linguísticos como a

pronúncia dialetal e certos padrões entoacionais em fronteiras do discurso falado.

A fim de observar essas características vocais e de fala, obtive (1) um áudio cujo falante é comprovadamente o senador RR e (2) aquele que se espalhou na internet e cujo falante não é RR. Os dois áudios foram separados dos arquivos de vídeo em que estavam sendo veiculados e, automaticamente, obtive arquivos MP3. Esse formato de arquivo de áudio, conhecido como comprimido, ocupa o mínimo de espaço digital e é o mais usado na internet. No entanto, tive que convertê-lo para o formato WAV para poder visualizar o sinal sonoro no espectrograma no PRAAT. Assim, com os áudios de diferentes origens e diferentes condições de gravação, a comparação e análise das características acústicas em questão só podem ser de natureza qualitativa. Veremos que a diferença entre as vozes observadas está no detalhe. Mais precisamente no detalhe fonético. Argumento que embora de oitiva tudo pareça fugidio e acabemos por não confiar na nossa percepção como deveríamos, o conhecimento de fonética acústica pode e deve ser empregado para a solução de casos como este do senador do Amapá. Defendo também que as fake news como essa terão vida curta, quanto mais especialistas da voz e da fala houver e quanto mais divulgarmos à sociedade o quanto suas suspeitas são válidas e que podem ser confirmadas pela análise acústica instrumental.

Palavras-chave: áudio fake, aspectos acústicos, voz, fala, fonética

21 NOV | 19H – 21H

FAKE NEWS NA DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA E NO JORNALISMO

Coordenação: Anna Christina Bentes
(IEL/UNICAMP)

Participantes: Eliara Santana (PUC-MG), Maria Eduarda Giering (UNISINOS), Adrian Pablo Fanjul (FFLCH- USP)

RESUMO

FAKE NEWS: UM ECOSISTEMA QUE RECONFIGURA O CENÁRIO POLÍTICO

Eliara Santana

Programa de Pós-Graduação em Letras PUC Minas/Capes

Para compreendermos a complexidade deste objeto, tomo as fake news como processo de codificação/decodificação, em que vários fatores afetam o modo como as mensagens são produzidas, a roupagem que recebem e a sua circulação. Há um ecossistema que se consolida, e é relevante tomar essa perspectiva a porque não se trata de um processo linear em que um emissário emite uma mensagem (errônea, falsificada) a um emissor (ou vários). Não se trata apenas de uma informação falsa que circula – o processo de construção de significado das fake news acaba por ressignificar a realidade, criando novas dimensões de sentido, com graves consequências. No Brasil, trata-se de um

processo bem estruturado de misinformation (o termo em inglês dimensiona melhor o tema, extrapolando o sentido de desinformação), com um alcance sistêmico e influências marcantes no cenário macropolítico – as últimas eleições presidenciais são um retrato disso – e na reestruturação do papel de instâncias como a imprensa (a mídia corporativa passa a se dedicar à checagem de fatos ou a desmentidos; por outro lado, sites noticiosos, travestidos de sites informativos, disseminam desinformação numa roupagem de notícias). Portanto, discursivamente, como aborda Stuart Hall, o processo de produção formata a mensagem. No atual contexto brasileiro (não apenas, posto que a desinformação sistematizada é um fenômeno mundial), é essencial que se reflita sobre esse processo como um sistema complexo de produção e disseminação de desinformação que envolve vários atores e várias etapas: produção, circulação, consumo, reprodução. E, sobretudo, é um sistema que se estrutura em suporte a determinado projeto político – e se construiu discursivamente para isso, com as mensagens no formato de um discurso significativo. Minha proposta, portanto, é abordar esse ecossistema – mostrando as estratégias discursivas – e discutir o impacto no cenário macropolítico brasileiro.

Palavras-chave: Mídia. Desinformação. Discurso. Bolsonaro

RESUMO

FAKE NEWS E LINGUAGEM

Maria Eduarda Giering (UNISINOS)

“Se a ciência não existisse, meu dia a dia não mudaria muito.”

As fake news estão presentes de forma crescente nas redes sociais. Na divulgação/popularização da ciência esse problema não é diferente. Deparamo-nos, nesse domínio, com fake news clássicas, ou seja, com pretensas informações divulgadas como verdadeiras, mas que não se confirmam ou não encontram respaldo na realidade. É caso, por exemplo, de informações infundadas, mentirosas e apelativas sobre vacinas que circulam nas redes sociais. Essas fake news são alimentadas por crenças conspiratórias e frequentemente persistem porque as falsidades que ajudam a sustentá-las são repetidas e “impulsionadas” por políticos, atores corporativos, organizações de mídia periféricas com a finalidade de mobilizar apoio político de sua base. Também incluímos, no âmbito desta abordagem das fake news, as notícias sobre ciência veiculadas nas mídias tradicionais, que, devido a estratégias de captação para atrair os leitores, provocam mais desinformação do que promovem conhecimento. Esses meios recorrem a títulos apelativos, comparações inadequadas, apelo a falsos argumentos de autoridade, entre outros, que transformam, muitas vezes, a descoberta científica em evento bizarro e sem relação com a vida cotidiana do leitor. Considere-se igualmente que a natureza das interações

dos leitores de notícias científicas no ecossistema de informação das redes sociais como Facebook, Twitter ou YouTube tem papel importante na forma como as notícias sobre ciência são recebidas. O modelo operacional dessas plataformas digitais vem sendo explorado com grande eficiência pelos disseminadores de pseudociência e teorias da conspiração na internet. Em nossa fala, trataremos dessas questões e como elas se manifestam nos resultados do último levantamento sobre a percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil, com foco no público jovem, realizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT). Abordaremos ainda a necessidade de promover letramento científico de forma a capacitar o leitor para a avaliação de informações mentirosas ou que desinformam e de desenvolver um trabalho urgente na melhoria da comunicação da ciência no Brasil.

Palavras-chave: Fake news; divulgação da ciência; letramento científico; notícias científicas.

RESUMO

ENTRE O “FAKE” E O DESAPEGO: DETERMINAÇÃO E COORDENADAS DA ENUNCIÇÃO

Adrián Pablo Fanjul (USP/CNPq)

O desenvolvimento das redes sociais, fundamentalmente Facebook e Whatsapp, deu lugar a modos de reprodução e circulação de enunciados da mídia que ensejam uma relação com as coordenadas da enunciação diferente da que propiciava a mídia digital antes da possibilidade de

compartilhamento. Dentre as variadas consequências dessas mudanças nos suportes da materialidade discursiva, exploraremos, nesta comunicação, três formas. Uma delas tem a ver com a temporalidade: a reprodução, como se fosse de último momento, de uma matéria, pelo geral do gênero notícia, que em verdade é anterior em dias, meses e até anos. A segunda é a determinação opaca do sintagma nominal em títulos principais, com efeitos de referência a um alcance de indivíduos dentro de uma mesma classe menos restrito do que informa o corpo da matéria, ou ainda a possível atribuição equivocada de um predicado a algum ou alguns desses indivíduos. A terceira é o próprio epígrafe colocado pelo enunciador que compartilha e o modo de leitura que ele antecipa.

Analisamos um conjunto de casos no compartilhamento de matérias no Brasil e na Argentina, a partir de posicionamentos ideológicos diversos. Tentamos uma reflexão que interroge o que esse tipo de compartilhamento indica sobre as formações imaginárias acerca dos interlocutores e dos objetos de discurso.

Palavras-Chave: fake news; redes sociais; determinação linguística

22 NOV | 9H – 11H

FAKE NEWS E SUAS REPERCUSSÕES NAS HUMANIDADES

Coordenação: Jean Cristus Portela
(UNESP-Araraquara)

Participantes: Sávio Cavalcante
(IFCH/UNICAMP), Carlos Etulain (FCA/UNICAMP),
Junia Zaidan (UFES)

RESUMO

A LÓGICA DA PROPAGANDA ANTICOMUNISTA DO FASCISMO: LIÇÕES DO PASSADO, DESAFIOS DO PRESENTE

Sávio M. Cavalcante

Professor do Departamento de Sociologia – IFCH/Unicamp
saviomc@unicamp.br

O avanço da extrema-direita em escala internacional recoloca a necessidade de análise teórica e empírica dos mecanismos de agitação e propaganda característicos de movimentos fascistas. Embora a utilização do conceito de fascismo para compreender governos e movimentos do presente exija cuidados e mediações – e talvez a característica mais marcante que diferencia o atual avanço da direita em relação ao fascismo “histórico”, em especial no Brasil, é a ausência do discurso anticapitalista –, há sinais claros de estratégias comuns de mobilização social no intuito de formar movimentos de massa reacionários com adesão popular. Nesta

comunicação, irei tomar como referência histórica um artigo intitulado “Nossos oradores na luta anti-marxista: balanço de um ano eleitoral”, que foi escrito em 1932 por Fritz Oerter, para uma revista de propaganda nazista chamada Unser Wille und Weg. Trata-se de um material voltado para o debate interno do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores da Alemanha, no contexto posterior às eleições ao Reichstag, em que o autor realiza uma análise do comportamento político das classes sociais naquele momento e sugere diversas estratégias para obtenção de maior apoio e adesão por parte da classe operária alemã ao nacional-socialismo. Ressaltam-se, dentre outras formulações: a) o uso instrumental da análise de classes para informar um discurso próprio para a classe trabalhadora que a conduza ao nacionalismo conservador; b) a descrição de estratégias de desqualificação moral dos inimigos e c) o combate ao “racionalismo e materialismo” presente no operariado alemão simpático à esquerda e ao marxismo. Apesar de diferenças de várias ordens, a análise de fake news e de material de agitação e propaganda da extrema-direita contemporânea – será focado o caso brasileiro, mas com referências também ao contexto internacional – indica a reconfiguração de diversos mecanismos usados pelo fascismo histórico, especialmente a desqualificação moral construída por meio da denúncia de um caráter “hipócrita” do inimigo e mobilização de formulações que buscam construir narrativas adequadas às classes populares, o que se organiza, na atualidade, no discurso de base moral e apolítico a respeito da corrupção. Nesse processo, e em razão da exigência de articulação com a defesa de valores capitalistas, o neofascismo produz uma variante específica de ideologia meritocrática que transforma mérito em esforço individual de sobrevivência a um mundo que passou

a enfrentar de forma mais explícita dissidências políticas, sexuais/gênero e culturais.

Palavras-chave: Fascismo; propaganda política; anticomunismo; fake news.

RESUMO

ECONOMIA POLÍTICA DA MÍDIA NO BRASIL

Carlos Raul Etulain

Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp
carlos.etulain@fca.unicamp.br

O setor de comunicações tem hoje a relevância que a economia teve para disciplina de Economia Política: ser esfera determinante em última instância da dinâmica da sociedade. Isto porque as comunicações estão associadas à produção e difusão da cultura do país, e porque o seu funcionamento responde à acumulação de lucros das empresas do setor. Resulta evidente a capacidade de influência na medida que as empresas do setor veiculam símbolos e significados que interferem na vida e no pensamento dos cidadãos. O setor é foco de geração de renda, empregos e receitas em torno da vida social e política do país. Tradicionalmente, por essas razões, os Estados nacionais costumavam exercer o monopólio direto das telecomunicações, através de uma grande empresa estatal, enquanto que, na radiodifusão, continua a existir até hoje um padrão de radiodifusão comercial, à exemplos dos EUA. Na Europa, no Japão e em

muitos países a radiodifusão também foi organizada como monopólio estatal. Do ponto de vista da produção simbólica, o sistema tem que cumprir a sua função ideológica. Na época, a serviço das comunicações do regime militar e do capital monopolista, o governo brasileiro, ao contrário de outras ditaduras, por exemplo, a argentina, optou por privilegiar uma empresa nacional, considerada também moderna, a TV Globo. O grupo de comunicação se consolida de tal forma que as expressões da cultura popular virão a ser legitimadas ou não em função dos interesses da empresa oligopolista hegemônica no mercado de televisão – que, ademais, é o veículo de maior inserção na população do Brasil. Se olharmos a forma como se organiza hoje a estrutura da mídia no Brasil, se observa que se fez uma opção – como país, nação e Estado – por um modelo privado de exploração, sem conceito de serviço público das comunicações. O que há, na verdade, é uma negociação de interesses entre Estado e grupos privados. Esbarramos, por tanto, em uma situação na qual grupos empresariais privados, vinculados às oligarquias políticas hegemônicas, controlam a mídia brasileira, daí que este trabalho se proponha a abordar as seguintes questões. Qual o efeito desta estrutura das comunicações no Brasil sobre a produção de notícias? e sobre a divulgação de plataformas políticas e fatos de relevância social? Como regulamentar e democratizar o acesso à comunicação quando na verdade a definição de políticas públicas de mídia no Brasil ocorre num círculo extremamente reduzido de atores?

Palavras-chave: comunicação; economia política da mídia; setor de comunicação; ideologia e produção de sentido.

RESUMO **FAKE NEWS, DIVERSIONISMO E A FUNÇÃO FÁTICA NA TRAGÉDIA BRASILEIRA**

Junia C. S. Mattos Zaidan

Universidade Federal do Espírito Santo
junia.zaidan@ufes.br

Discutimos a fragmentação narrativa como processo contemporâneo em que as fake news, em suas diversas feições, exercem função diversionista fundamental para inviabilizar a luta coletiva contra a opressão nesta fase avançada do capitalismo. Focalizando o contexto brasileiro atual, recorreremos ao conceito de narrativa como condição ontológica da vida social (SOMERS & GIBSON, 1994), lançando também sobre ele questionamentos relativos à disputa pela narrativa como ação alegadamente determinante para reverter a destruição do Estado brasileiro. Esta problematização é feita a partir de uma reflexão sobre o traço fático das trocas discursivas na esfera pública desde o golpe de 2016, até o presente. Sob esse ponto de vista, as fake news operam a ativação desta função fática (JAKOBSON, 1980) de linguagem, conferindo papel secundário ao teor em si dos enunciados e produzindo nos diversos grupos sociais, geralmente alvejados pelo discurso de ódio, bem como nas instituições, entidades e agentes ligados ao campo progressista uma propensão para a (sustentação da) comunicação, no encaixe comunicacional a eles destinado. Mobilizados para apontar a inveracidade das notícias e/ou para contra-narrar, esses atores

sociais tendem a desempenhar um papel reativo, nomeadamente “de resistência”, propício para a consolidação da situação de exceção que vive o Brasil. Nesse cenário, as políticas identitárias, ligadas às lutas das mulheres, dos negros, dos LGBTs tendem a ser capturadas a fim de desviar a atenção das operações realizadas sobretudo pelos poderes sem voto (o Judiciário, o Ministério Público, a Polícia e a mídia comercial) para garantir, de diversas formas, a implantação de uma agenda ultraliberal no Brasil. Mantidas no plano imamente, tais “fissuras atômicas, bombas contra a vida coletiva” inscrevem-se na sociedade do controle integrado (SOARES, 2015, p. 151), em que fake news figuram no cenário mais amplo de artefatos técnico-científicos com funções polimórficas voltados a (des)informar, distrair, entreter, domesticar, confundir, massificar e sequestrar a consciência planetária do oprimido como uma única classe social.

Palavras-chave: Sociedade do controle integrado. Fake news. Diversionismo identitarista.

22 NOV | 11H – 13H

FAKE NEWS, MOVIMENTOS SOCIAIS E RESISTÊNCIA: O PAPEL DA LINGUAGEM

Coordenação: Cláudia Wanderley
(CLE-UNICAMP)

Participantes: Regina Fachini (IFCH/UNICAMP),
Maria Manuel Baptista (Universidade de Aveiro,
Portugal), Iara Beleli (IFCH/UNICAMP)

RESUMO

FAKE NEWS E POLÍTICA SEXUAL: DESINFORMAÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Regina Facchini

Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Unicamp
Doutora em Ciências Sociais
re.facchini@gmail.com

A apresentação focaliza a produção e disseminação de fake news em sua articulação com a atuação de diversos atores políticos em torno das questões envolvendo direitos sexuais e reprodutivos no Brasil, considerando o caráter transnacional das redes e processos. Para tanto, toma como ponto de partida o período posterior à abertura política no país e situa os movimentos feminista e LGBTI como campos discursivos de ação que produzem um processo de cidadanização de mulheres e de sujeitos marcados pela diversidade sexual e/ou de gênero. Coteja esse processo com o conhecimento recentemente acumulado na literatura

sobre o processo de constituição de campos discursivos de ação antidireitos sexuais e reprodutivos. A literatura que se debruça sobre esses últimos atores e redes tem enfatizado a apropriação e mobilização de categorias e demandas forjados nos campos pró-direitos, a produção de discursos que deslocam sentidos e de desinformação, bem como a desqualificação e difamação dos atores dos campos aos quais se opõem, por meio da mobilização de pânicos morais. Adquire centralidade nesses processos a mobilização reativa da categoria “gênero” e de demandas ou políticas envolvendo as intersecções entre gênero, sexualidade e educação, bem como a previsão legal da interrupção voluntária da gravidez. Desse modo, sobre elas recai atenção especial na historicização comparativa dos desenvolvimentos de ambos os campos. Tal análise focaliza sobretudo o período posterior ao adensamento do processo de reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos e do racismo e intolerâncias correlatas em conferências das Nações Unidas. O faz considerando os desdobramentos desse reconhecimento em processos de cidadanização de mulheres e de LGBTI e de fortalecimento de enquadramentos discursivos relacionados ao direito a ter direitos no Brasil. Considera, ainda, que essas mesmas conferências são reconhecidas atualmente como ponto de partida da politização reativa do campo religioso contra os direitos sexuais e reprodutivos e da mobilização da categoria acusatória “ideologia de gênero”. O olhar para atores, redes, categorias e sua circulação nos conduz pelos desenvolvimentos desses conjuntos de campos que aparecem em oposição, considerando, ao longo dos últimos 20 anos, o caráter transnacional dessas articulações e o modo como têm operado no Brasil na última década. O foco recai sobre a produção e mobilização de desinformação e pânicos morais e sua im-

plicação com processos de desdemocratização e restrição de direitos fundamentais.

Palavras-chave: direitos sexuais e reprodutivos; política sexual; desdemocratização; desinformação; pânicos morais.

RESUMO **FAKE NEWS, MOVIMENTOS SOCIAIS E RESISTÊNCIA: O PAPEL DA LINGUAGEM**

Maria Manuel Baptista

Universidade de Aveiro
Professora Catedrática
mbaptista@ua.pt

Nesta palestra discutiremos o modo como a linguagem se encontra profundamente imbricada nas construções de gênero e como ela pode impedir de nos dizermos e construirmos para lá (ou para cá) destas construções culturais. Assim, para além do que a linguagem diz no que respeita à construção de gênero, exploraremos as suas possibilidades performativas para lá do que aparentemente se nos apresenta como indizível, impensável ou irreal. Para o efeito, partiremos do quadro epistemológico dos Estudos Culturais, articulando-o com o atual debate trazido pelas Teorias de Gênero contemporâneas, recolhendo ainda alguns dos importantes aportes que sobre esta matéria têm produzido a Linguística e a Psicanálise.

Mais concretamente, convocaremos a reflexão de Monique Wittig, para quem as marcações de gênero que a linguagem transporta devem ser cuidadosamente pensadas, expostas e interrogadas, uma vez que, nas palavras da linguista, “(...) o gênero é o índice linguístico da oposição política entre os sexos e da dominação das mulheres. O gênero, como conceito, da mesma forma que o sexo, homem e mulher, é instrumental no discurso político do contrato social enquanto contrato heterossexual” (Wittig, 2018/1986:94). Para o aprofundamento desta importante questão política convocaremos as principais teorias de gênero da atualidade (especificamente Butler e Braidotti), mas também as teorias da argumentação contemporânea que nos permitem explorar as possibilidades do uso da palavra no contexto da construção de comunidades mais democráticas e inclusivas. Seguindo a proposta de Irigaray (2018/1990:164) para quem, “o preço das palavras, o sentido econômico do discurso, dos discursos, representa um dos problemas importantes do nosso tempo”, voltaremos à questão que tão certeira Spyvak já colocou: ‘pode o subalterno falar?’. E, no caso das mulheres subalternas, com que língua não-patriarcal (se) poderão elas falar? “Qual é então o sentido da palavra na nossa época? E, se nós não falarmos mais, não nos falarmos mais, ainda somos humanos? Ainda estamos vivos?” (Irigaray, 2018/1989:166).

Palavras Chave: Género, Linguagem, Estudos Culturais, Performance

RESUMO **ANTI-FEMINISMO EM REDE: ÓDIO E PRODUÇÃO DE FAKE NEWS**

Dra. Iara Beleli

Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Género – Pagu/UNI-CAMPEditora da revista Cadernos Pagu

A popularização das mídias digitais e da internet tem acelerado a participação de sujeitos comuns na política brasileira, particularmente no período de retrocessos pelo qual passa o Brasil nesse momento. Nesta apresentação, proponho uma reflexão sobre grupos, organizados ou não, empenhados em definir o que é o feminismo de modo a descaracterizar esse movimento social, ou ainda, desqualificar pessoas que se afirmam feministas. A pesquisa tem sido realizada em blogs anti-feministas que ganharam a cena a partir de 2012, em um contexto de turbulência política no Brasil, associando as feministas ao caos social. Com a intensificação da interface sócio-técnica, as ideias são expostas, na maioria das vezes, por meio de discursos de ódio que marcam os sujeitos e suas posições na sociedade a partir da diferença de gênero articulada particularmente à classe e raça/etnia. O ódio, aqui pensado em estreita relação com a intolerância e a violência, tem sido produzido a partir de ecos do que se pensa ser os feminismos, ganhando seguidores/as que reproduzem automaticamente as notícias e, na maioria dos casos, estimulando a veiculação de fake news.

Palavras chave: Feminismos; Fake News; Redes Sociais; Ódio; Violência.

22 NOV | 19H – 21H

FAKE NEWS E LETRAMENTO DIGITAL

Coordenação: Sandoval Nonato Gomes-Santos (USP)

Participantes: Márcia Mendonça (IEL/UNICAMP),
Claudia Wanderley (CLE-UNICAMP), Patrícia
Blanco (Palavra Aberta)

RESUMO

PÓS-VERDADE E FAKENEWS: AS TRILHAS DOS CONCEITOS EM PRODUÇÕES DE VESTIBULANDOS

Márcia Mendonça

Unicamp, doutora em Linguística Aplicada

mendonça.mrs@gmail.com

Todos os anos, a Oxford Dictionaries elege a “palavra do ano”, pelo seu destaque no debate público. Em 2016, foi a vez de “pós-verdade”. Definida como substantivo “que se relaciona com ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”, a pós-verdade foi também um dos temas do vestibular Unicamp 2018. Na prova, solicitou-se a elaboração de um texto-base para palestra acerca do tema, a partir da leitura de dois textos, que tratavam de pós-verdade e notícias falsas. Pretendemos comentar aspectos da apropriação dos conceitos de pós-verdade e de fakenews, relacionando-a

com a seleção de informações veiculadas pelos textos da prova. Esse exame avalia tanto capacidades de leitura quanto de escrita e se baseia em uma perspectiva enunciativa de linguagem (BAKHTIN, 1993), que considera os gêneros como tipos de enunciados produzidos em esferas sociais de interações e infensos às condições de produção dos discursos. A leitura realizada pelos candidatos e os recortes efetuados no material de leitura apontam para apropriações diversificadas dos conceitos de pós-verdade e de fakenews. Os textos produzidos ora referem o complexo cenário da circulação de informações no universo digital, bem como as implicações socioculturais desses processos, ora fazem equivaler os conceitos, ora denominam as fakenews como “mentiras”. Na arena social das interações espontâneas, temos ficado perplexos com a aparente incapacidade de grande parcela da população de “separar o joio do trigo” na identificação de fakenews, ainda que exista também uma indisposição para checagem de fontes e dados. Num evento de letramento controlado como uma prova do vestibular, os textos produzidos podem nos indicar alcances e limitações na leitura de textos de tal modo que possamos nos indagar que mediações junto aos leitores devem ser realizadas no processo de educação linguística na escola.

RESUMO **EDUCAÇÃO MIDIÁTICA – CIDADANIA PARA O MUNDO CONECTADO**

Patricia Blanco (Presidente do Instituto Palavra Aberta)

A tecnologia mudou drasticamente a maneira como nos comunicamos. Nossos dispositivos digitais são quase extensões de nós mesmos. Por meio deles, estudamos, nos relacionamos e participamos intensamente da ágora digital. Temos a sensação de ter qualquer informação ao alcance das nossas mãos. Fotos, notícias, buscas e mais uma infinidade de possibilidades que não existiam até pouco tempo atrás. Neste ambiente, novos atributos são exigidos dos cidadãos e educar a sociedade para o consumo de informação passou a ser uma prioridade. Formar leitores aptos a diferenciar conteúdos, a separar fato de opinião, e claro, questionar a informação que recebe, é o grande desafio do momento.

A educação midiática, termo ainda pouco difundido no Brasil, parece condensar as tendências da educação nesta primeira metade do século 21. É um conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático, em todos os seus formatos. Ou seja, ensina a ler, analisar e produzir mensagens em tempos de excesso de informação e escassez de compreensão.

A mídia, qualquer que seja sua versão, tornou-se onipresente. A sua presença é avassaladora,

a começar pela influência que exerce na vida de crianças e adolescentes. Mas o aspecto deseducador não está na sua onipresença e sim na miscelânea de informações das quais todos nós somos alvo: ao entretenimento e às mensagens comerciais, políticas e ideológicas somam-se as fake news, mensagens de ódio e de intolerância, enfim, as muitas faces da sociedade, não necessariamente saudáveis, que podem incentivar todo tipo de violência.

É neste cenário que nasce o EducaMídia – Programa de Educação Midiática do Instituto Palavra Aberta, criado para capacitar e engajar professores no processo de educação midiática e incentivar a sua prática em sala de aula.

Por meio do EducaMídia, queremos desenvolver o potencial de comunicação dos jovens nos diversos meios, fomentando habilidades de interpretação crítica das informações, produção ativa de conteúdos e participação responsável na sociedade. Além de criar as condições necessárias para o exercício da liberdade de expressão, inclusiva e respeitosa, nas mais diversas mídias.

Palavras chaves – Educação midiática; fake news; desinformação; cidadania; democracia.

RESUMO **LETRAMENTO, INFORMAÇÃO E DIÁLOGO INTERCULTURAL NO MUNDO DIGITAL**

Claudia Wanderley

CLE-UNICAMP

A proposta da UNESCO de trabalhar com letramento midiático, informacional e o diálogo intercultural é voltada para promover o acesso à informação, o espírito crítico e a reflexão sobre conteúdos acessados no âmbito digital, assim como eventual produção de conteúdo autoral. A partir de parceria instalada em 2016 para a tradução e adaptação cultural de um Curso Online Aberto e Massivo sobre o tema, trago algumas reflexões sobre a importância da consideração do que chamamos de epistemologias locais no espaço digital considerando a equidade de gênero e a diversidade cultural como traços de extrema importância na construção social da cidadania. Quando podemos ter acesso a diferentes percepções e compreensões de distintas realidades e podemos refletir sobre a verdade, os conteúdos virtuais podem vir a significar de maneira diferente e abrir portas para estarmos mais aptos a intelectualizar a quantidade de mensagens a que somos expostos em nosso cotidiano. Nessa rede intrincada de relações e informações, apresento como referência a possibilidade de realizarmos um letramento digital visando uma pessoa reflexiva, ligada ao presente, à realidade diversa que a cerca, a uma dinâmica interpessoal de autonomia e a uma

comunidade em que ela pode mobilizar energias e pessoas para realizar o que deseja. Assim, alinhada aos referenciais de filosofia africana de intersubjectivação do Prof. José Castiano (2010), entendo que o espaço digital é um território capaz de dar visibilidade a reflexões, apresentar novos horizontes de realidades e sobretudo promover um diálogo entre diferentes. Esta perspectiva para questões ligadas à diferença nos auxilia a refletir sobre uma atitude interessada em fortalecer nossa própria autonomia, viver bem e se auto-realizar no mundo em diálogo com o diferente. Trata-se de uma aposta em uma construção refletida do dissenso, da diferença, do diálogo em que podemos e devemos agenciar as informações disponíveis para nosso crescimento pessoal e de nossa comunidade. Este mundo possível de diversidade e de interlocução refletida com a diferença vai na contramão da construção digital das chamadas “bolhas” em que apenas vemos as pessoas que concordam conosco em nossas redes sociais. Neste desencontro de visões de mundo jamais podemos abrir mão do fato de que todos precisamos dialogar em prol do bem comum. O espaço digital pode ser mais um lugar para este cultivo. E a compreensão objetiva da importância do diálogo a partir de diferentes perspectivas é nosso exercício neste projeto.

23 NOV | 9H – 11H

O PAPEL DA LINGUAGEM NA PRODUÇÃO DE FAKE NEWS NA CIÊNCIA

Coordenação: Inês Signorini (IEL/Unicamp)

Participantes: Peter Schutz (FCA/UNICAMP),
Eleonora Albano (IEL/UNICAMP), Ana Arnt (IB/
UNICAMP)

RESUMO

AS FALSAS LINGUAGENS DA CIÊNCIA E A NE- CESSIDADE DE NOVOS DISCURSOS

Peter Alexander Bleinroth Schulz

Universidade Estadual de Campinas

Um olhar sobre a retórica das ciências naturais no que são considerados seus principais produtos, os artigos científicos, revela um arcabouço de intenções de persuasão, usos dos métodos científicos, argumentos de autoridade e outros elementos desse instrumento de comunicação da comunidade científica. Em uma época em que a produção científica passa a ser sobrevalorizada na avaliação dos praticantes das ciências, todos esses aspectos tornam-se crescentemente passíveis de falsificação, contribuindo para um ataque à credibilidade dessa atividade humana. Uma breve introdução ao desenvolvimento da retórica científica desde o século XIX será seguida pela discussão do crescimento contínuo dessa forma de comunicação, os

mecanismos desenvolvidos para sustentar esse crescimento, bem como as fragilidades introduzidas por cada um desses mecanismos, desde o surgimento da revisão por pares até às revistas eletrônicas predatórias. Da busca pela garantia de qualidade chegamos a uma crise de confiança. Por um lado, esses são problemas mais internos às comunidades científicas, mas, ao mesmo tempo, participam na construção de um crescente abismo entre a ciência e o público, que se torna refém de falsas traduções da ciência, que emulam a linguagem científica em um discurso anticientífico. Alguns exemplos serão apresentados como ilustração: falsificação e negação de dados, publicações legítimas em revistas falsas, artigos falsos em revistas falsas legitimadas, sociedades não científicas que se parecem científicas, pseudociência dentro da academia e, por último, a falsa coautoria, comprada e vendida em balcões virtuais.

Cada novo sintoma desse cenário é abordado a partir da perspectiva de introdução de algum novo mecanismo de controle. Em sentido oposto, pode-se pensar em uma nova forma de fazer ciência, na qual, tanto o processo de pesquisa, quanto a linguagem de sua comunicação, além do próprio conceito de autoria podem ser problematizados. Exemplos e sugestões nesse sentido serão apresentados para uma discussão que não se encerrará tão cedo. A ciência aberta pode trazer um novo discurso necessário para a pesquisa científica.

Palavras-chave: publicação científica, fake news na ciência, ciência aberta

**A RESPONSABILIDADE DA CIÊNCIA NO
COMBATE À FRAUDE NOTICIOSA**

Eleonora C. Albano

DL-IEL-UNICAMP – Titular em Fonética e Fonologia
albano@unicamp.br

O objetivo desta intervenção é provocar uma discussão sobre o uso de conhecimento científico para fraudar notícias e manipular perfis nas redes sociais.

As revelações sobre a participação da empresa Cambridge Analytics nas fraudes conducentes à eleição do presidente norte-americano Donald Trump sugerem que a comunidade científica precisa urgentemente assumir a responsabilidade de combater o uso de produtos do seu trabalho na manipulação da opinião pública. Entretanto, à exceção dos coniventes, a maioria dos cientistas envolvidos não está ciente desse risco e/ou não pode controlar as consequências da disponibilização dos seus dados e/ou resultados.

Recentemente, fomos vítimas do mesmo tipo de fraude na eleição presidencial. Temos também assistido à utilização de recursos digitais por apoiadores do governo para espalhar desinformação e intimidação nas redes sociais. Isso só é possível porque esses embusteiros usam algoritmos produzidos por um time de cientistas sediado no exterior e financiado pela extrema direita.

Vou, portanto, aproveitar a oportunidade desta mesa para apontar exemplos do risco em questão através de estudos de casos de manipulação de conhecimentos das áreas da linguística e da psicologia. Na linguística, trata-se de conhecimentos subjacentes à manipulação de bases de dados de áudio e vídeo. Na psicologia, trata-se de conhecimentos subjacentes à análise de emoções via dados acessíveis a corporações tais como o Facebook e o Google.

Desde que comecei a estudar o assunto, com base na minha experiência de colaboração transdisciplinar na construção de tecnologia de fala, tem crescido exponencialmente a quantidade de resultados científicos em risco de distorção e/ou apropriação indébita. Um exemplo é uma forma bastante verossímil de manipulação de vídeo denominada deep fake. As fraudes que produz baseiam-se em avanços recentes da inteligência artificial conhecidos como aprendizagem profunda (deep learning). Nos casos que analisarei, essa forma de aprendizagem de máquina se alimenta de bases de dados resultantes da colaboração entre cientistas naturais/exatos e cientistas humanos/sociais. Ocorre que a maioria dos envolvidos desconhece o potencial de uso fraudulento desses produtos, pois trabalha apenas com a confecção de inputs para sistemas de aprendizagem.

A meu ver, essa conjuntura indica a necessidade de uma organização atuante e abrangente da comunidade científica no combate às fraudes atuais e potenciais. Proponho que esta mesa deslanche uma primeira discussão sobre o tema.

Palavras-chave: linguística, psicologia, aprendizagem profunda, responsabilidade, fraude noticiosa.

RESUMO **A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE E COMBATE ÀS FAKE NEWS**

Ana de Medeiros Arnt, Erica Mariosa Moreira Carneiro, Carolina Stefano Mantovani
Blogs de Ciência da Unicamp, UNICAMP

Em tempos de informações acessíveis a grande parte da população, através do simples toque em telas de celulares, tudo parece ser simples de ser verificado e compreendido em diferentes canais de notícias ou portais com conteúdos científicos diversos. Paradoxalmente, vivemos também uma proliferação do que costumamos chamar de “Fake News”; notícias falsas baseadas ou não em fatos científicos e acontecimentos reais. Longe de ser um fenômeno simples de ser compreendido, é fundamental que comecemos a questionar o assunto com seriedade, já que as Fake News têm gerado prejuízos graves para a população, como, por exemplo, o surgimento de movimentos anti-vacina e de grupos “terra-planistas” que tentam derrubar a confiança da população na própria ciência. Assim, devemos pensar o fenômeno como algo que não é banal e que precisa de estratégias para ser combatido. Conteúdos pautados em terminologias científicas têm sido usados e, nem sempre, temos conhecimento suficiente para debater e combater tais práticas de disseminação das notícias falsas. Neste sentido, uma das estratégias atuais tem sido atuar de modo mais efetivo no combate a estas informações, tanto pesquisando suas construções narrativas, quanto

os modos como são veiculados – especialmente em redes sociais. Outra estratégia tem sido a estruturação de conteúdos científicos, desenvolvendo uma linguagem específica para cada rede social, para atingir cada vez mais pessoas, a partir de temas que são considerados polêmicos e/ou que proliferam informações sem qualquer vínculo com conteúdos científicos, ou – pior que isso – que usam as informações científicas distorcendo-as para fins não idôneos. No Blogs de Ciência da Unicamp além do estudo destes veículos de comunicação e portais de checagem de informações, temos desenvolvido postagens específicas acerca do tema. Além disso, a partir da ideia de que, como pesquisadores, temos uma responsabilidade social sobre a produção realizada dentro de centros de pesquisa e universidades, compreendemos que é necessário tecermos ações mais efetivas – seja através de embates diretamente com os canais responsáveis pela proliferação de tais notícias, seja através de educação científica em relação aos modos de verificar informações, pelo aprendizado de identificação de discursos que alardeiam constantemente falácias em diferentes espaços virtuais de comunicação.

Palavras-chave: Fake News, Divulgação Científica, Blogs de Ciência, Checagem de conhecimentos científicos.

23 NOV | 11H – 13H

FAKE NEWS NA RELAÇÃO COM A LITERATURA, COM O CORPO E COM A HISTÓRIA

Coordenação: Suzi Sperber

Participantes: Sandra Luna (UFPB), Paula Vermeersch (UNESP-Presidente Prudente), Odilon Roble (FEF-UNICAMP)

RESUMO

Suzi Frankl Sperber

Livre-docente e titular
sperbersuzi@hotmail.com
UNICAMP

Em aula inaugural no Colégio de França, Roland Barthes iniciou seu discurso criticando a “inocência” moderna que fala do poder como se ele fosse único. Para Barthes o poder é plural. Como os demônios, o poder é Legião e para entendê-lo seria preciso descobrir sua gênese inscrita na linguagem e expressa na língua. Disse Barthes

A língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.

Entendo que Barthes sinalizou que a língua conteria algo como uma pulsão... Que impeliria

para o uso e sequência de palavras. Mas a língua em si não tem caráter político, nem filosófico, nem psíquico, nem é um regime. É um potencial, um recurso. Semelhante à criação. Chegamos à legião. Cabe tudo na linguagem e na língua, conforme as orientações sociopolíticas, religiosas, psíquicas, ideológicas. Platão definiu o discurso verdadeiro no diálogo Crátilo: “Verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso é aquele que as diz como não são”. O fenômeno vivido pela Inglaterra do Brexit e em mais pelo menos 31 países, sem contar o Brasil, recebeu o nome de fake news por Trump, ao referir-se a notícias que prejudicariam sua eleição. Especializado em dizer como não são as coisas... O caso dos fake news não deverá ser associado à língua e sua pulsão fascista (?). Relaciona-se à perda de relação com a noção de verdade. Sendo que as fake news existem graças às novas mídias (facebook, whatsapp, instagram, congêneres e blogs), e ao fato de as pessoas não pesquisarem informações. São crédulas e aceitam o que lhes convém, ou o que for mais fácil para suas posições no mundo. E por suspenderem o bom-mocismo. Por conta disto será trabalhado o conceito de willing suspension of disbelief – vinculado à pulsão de ficção... Como explicar um impulso e um desejo de acreditar?

Os fake news estão fundados na emissão de voz, na enunciação. Como antes se acreditava no que estivesse “preto-no-branco”, hoje se acredita em emissão – que seja de ódio, violência, morte. Cujo “valor de verdade” repousa menos na narrativa, do que na figura que a enuncia, que outra narrativa instituiu como o contrário de uma verdade que não se quer aceitar por alguma conveniência. E que argumenta com o falso, o erro, a atribuição de desconhecimento do outro. Com desprezo aos dados, aos registros.

Palavras-chave: “Willing suspension of disbelief”; oralidade; pulsão de ficção; pós-verdade; o “direito ao ódio, violência, morte”.

RESUMO **PARA UMA ARQUEOLOGIA LITERÁRIA DAS FAKE NEWS: O ETHOS DA ASTÚCIA, O DRAMA DO LOGOS E O PAPEL DO POVO EM “NOTÍCIAS FALSAS” PROPAGADAS PELA LITERATURA OCIDENTAL**

Sandra Luna

UFPB – Professora – Doutora em Teoria e História Literária
lunasand@uol.com.br

Embora as “Fake News” apresentem-se hoje, sob os auspícios dos avanços cibernéticos, como fenômeno estritamente ligado à tecnologia e às mídias sociais, a forja de “notícias falsas”, o pendor das massas para absorvê-las e disseminá-las, assim como os efeitos de sua propagação estão registrados na tradição literária desde as suas origens. Vale a pena volver os olhos ao passado da nossa cultura e ali vislumbrar nuances distintos do que poderíamos chamar de um ethos da astúcia, estreitamente associado às potencialidades de manipulação do logos. Consequência das potencialidades disjuntivas das relações, desde cedo pressentidas, entre as palavras e as coisas, ou das fartas possibilidades de jogo entre sentido e referência, fato é que não são poucas nem pouco expressivas as tramas que, no universo literário, dependem, para as suas conclusões, da forja

e do espalhamento de “notícias falsas”, simulacros, informações enganosas, distorcidas, mentiras, boatos, rumores, murmúrios, meias-verdades e outras manifestações correlatas. Importante notar que, nas tramas consagradas pelo cânone, esse ethos da astúcia nem sempre se faz apreender como condenável. A depender de suas relações com o pathos, elemento subversivo da poiesis, a empatia pode transmutar vilania em inteligência, sabedoria, esperteza, noções associadas ao “heroísmo” desde suas origens míticas. Por outro lado, nessas mesmas tramas, o papel do “povo” permanece praticamente invisível aos olhos da crítica. Não tendo sido tradicionalmente apreendido como categoria analítica pela teoria literária, nem pela teoria do drama, a massa humana anônima, disforme, difusa, faz-se, no entanto, essencial ao logro, como instância de agenciamento, consumo e/ou propagação das “falsas notícias”. A presente investigação apresenta um inventário de ocorrências literárias a partir das quais se espreita esse ethos da astúcia, profundamente enraizado na nossa cultura, manejando os poderes e limites do logos, manipulando “simulacros” com fins de obtenção de vantagens pessoais e/ou políticas para as quais concorre a prontidão do “povo” em acolher e propagar informações malsãs, por ignorância ou maledicência. Não surpreende que hoje, no mundo virtual, parte dessa massa humana tenha sido substituída por “robots”, o que não deixa de ser significativo. Sem intentar reduzir a importância da historicidade nas análises dos fenômenos de cada época e sem desprezar as especificidades da vida contemporânea na produção e no consumo das “Fake News”, talvez faça sentido avaliar, a partir da ficção, o peso das heranças culturais na formatação de uma sociedade hoje assombrada pela “pós-verdade” e por projetos de poder que se firmam por via da astúcia e do logro.

Palavras-chave: Literatura e Fake News – Tradição e Modernidade – Pós-modernismo e Pós-verdade

RESUMO **POLÍTICA NO INFERNO DE DANTE: VALAS E SUB-VALAS DA CONDENAÇÃO**

Paula Vermeersch

Unesp

Dante Alighieri (c.1260-1320) em sua Comédia estipulou as várias comunidades políticas onde os condenados se encontram. O pior dos castigos é, segundo o poeta florentino, conviver por toda a eternidade com pessoas iguais a si – portanto, o lugar dos irados é entre quem urra por qualquer coisa, dos glutões, entre os que roubam o pão da própria mãe se tiverem oportunidade, e assim sucessivamente. Muitos estão no Inferno porque acreditaram e/ou veicularam discursos mentirosos. Estes, para Dante, encontram-se em valas horrorosas, como os hipócritas, condenados a circularem entre crucificados e com capuzes de ferro pesadíssimos, que os impedem de olhar para os lados. Os tormentos de se viver entre iguais nos faz pensar que, para Dante, que se notabilizou como diplomata de Florença na corte papal, ou seja, que seguiu carreira política no seu tempo, se filiando ao partido dos guelfos brancos, e que escreveu um dos primeiros tratados sobre os temas do viver

em comunidade na modernidade, Da Monarquia, a melhor Política é que respeita diversidades. Entre os diferentes, existe bem-aventurança- em contrapartida, o Paraíso é formado pela aliança dos heterogêneos, e São Francisco faz a defesa da Ordem Dominicana e Domingos, da Franciscana. O respeito entre as diferentes formas de viver, para Dante, constituiria a marca das repúblicas felizes. A atualidade de tais reflexões é, para nós, muito evidente. Numa época da Política brasileira marcada por discursos falsos, as chamadas fake news, em que as reivindicações de minorias e/ou grupos historicamente oprimidos são chamadas nas redes sociais, pejorativamente, de “mimimi”, e o desrespeito pelo contraditório é quase uma norma- tanto que a fala padronizada de certos grupos já é esperada nas discussões, estereotipados nos “memes”, talvez o poeta da primeira modernidade possa nos sugerir algumas chaves para certos enigmas. A partir de certos excertos de discussões, imagens e uma série de fake news em redes sociais como Twitter, Whats App e Facebook, e da leitura de trechos do Inferno de Dante, a fala busca estabelecer paralelos e mapear alguns dos pedaços das valas da Política brasileira. Será possível falar que as hostes de “minions”, “petralhas”, “isentões”, “comunistas” e outros personagens das redes sociais seriam identificados por Dante no reino de Lúcifer? E seus discursos caluniosos, distorcidos ou simplesmente torpes?

Palavras-chave: Política - Inferno - Dante Alighieri

A ECONOMIA DO CORPO NA LÓGICA DA PÓS-VERDADE: ELEMENTOS DA FILOSOFIA DA VONTADE

Odilon José Roble

Filósofo, Doutor em Educação
Docente da Faculdade de Educação Física da Unicamp
roble@fef.unicamp.br

Concordando com Christian Dunker (2017) que, ao estado presente, a verdade é apenas mais um participante do jogo, sem privilégios e prerrogativas, acrescida de um prefixo que tende a aposentá-la (a “pós-verdade”), poderíamos nos perguntar quais são os demais protagonistas desse jogo. Se as fake news e outros simulacros se apresentam sobremaneira na política e na economia, talvez possamos também localizar algo semelhante em estágios mais privados, os quais funcionariam como substrato estrutural para as demandas dessa circulação pública dos afetos, desse “jogo”. Em outras palavras, os discursos sobre o corpo e sua estética, desde antes da popularização do conceito de fake news, vem atendendo a lógicas fantasiosas e interessadas que pautam a dietética e o movimento. O “antes” e o “depois” dos regimes alimentares, as promessas de outras silhuetas pela atividade física e a conquista de novas identidades pelas intervenções cirúrgicas e cosméticas aliciam desejos que, paradoxalmente, partem do efeito esperado para a crença nas causas. Mesmo que estas sejam, por vezes, francamente ingênuas e repetitivas. No auge dessa parafrenia de investimentos x frustrações x novos investimentos,

um outro modo de relação com o corpo se anuncia, como que na extremidade mais avançada da pós-verdade, uma espécie de relação hedônica e elusiva com a libido, espraia-da nos setores mais diversos de uma economia do corpo, ou seja, aquilo que a filósofa Rebekkah Williams e o filósofo C. Thi Nguyen (2019) apontaram como o renovado conceito de “porn”. Antes o conceito dirigia-se exclusivamente ao conteúdo erótico, consumido sem implicação física, por meio basicamente de imagens. Hoje estes dois filósofos reconhecem que essa prática se estende a setores muito diversos do prazer, como por exemplo, nos programas de culinária que saciam desejos sem que se prove o alimento ou nos reality shows que inserem o espectador no interior de uma convivência que de fato não lhe pertence. Se a pós-verdade e o seu produto contemporâneo, as fake news, parecem experimentar um terreno fértil para sua disseminação, talvez seja também, entre outros tantos fatores, porque esse sentido “porn” avançou na economia do corpo de modo a eleger, perigosamente, a fantasia como opção. Para discutir estas questões irei amparar-me na “Filosofia da Vontade”, que tem o mito grego, as filosofias de Schopenhauer e Nietzsche e elementos teóricos da psicanálise freudiana como aportes para a compreensão da vontade como elemento central do humano e matriz profícua de interpretação do corpo.

Palavras-Chave: Corpo, Estética, Filosofia da Vontade, Psicanálise

23 NOV | 19H

OPEN FÓRUM ENFRENTAMENTO DAS FAKE NEWS: POLÍTICA, JUSTIÇA E LINGUAGEM

Coordenação: Cláudia Wanderley (CLE-UNI-CAMP) e Anna Christina Bentes (IEL-UNICAMP)

Participantes: Margarida Salomão (Linguista), Manuela D'Ávila (Jornalista), Desembargador Jorge Souto Maior (TRT-Campinas)

RESUMO

VERDADE E DEMOCRACIA: UM DEBATE MILENAR SOBRE O PODER

Margarida Salomão (UFJF)

A reflexão sobre a relação entre verdade e democracia como processo de exercício e disputa do poder retrocede pelo menos ao debate entre Platão e os pré-socráticos. E, desde então, a argumentação sobre o tema reconhece o papel crítico nesse processo desempenhado pelas tecnologias da informação: no caso do debate platônico, é distintiva sua posição sobre o papel da escrita na produção e divulgação da verdade. Também seria difícil conceber sem imprensa a luta política que levou a uma considerável extensão da esfera democrática através da Revolução Americana e da Revolução Francesa. O advento da modernidade ocorre sob a égide do discurso científico como cenário público, no

qual opera uma ordem social específica, para disciplinar o que seja a verdade. É contra esse pano de fundo que queremos examinar a situação contemporânea criada pela quarta revolução tecnológica. A aceleração da comunicação humana, via introdução de uma interconectividade virtualmente universal, desorganiza profundamente tanto os processos certificadores da verdade pela ciência como cria uma disputa da cena pública que corrói de forma inapelável os processos da democracia representativa clássica. Essa nova realidade já foi detectada e está sendo estudada em processos políticos como o referendo do Brexit, a eleição de Trump e a eleição de Bolsonaro no Brasil. Expressa-se também através de estranhas crenças como o terraplanismo, a negação do aquecimento global, a ofensiva aberta contra as ciências, contra as Universidades e contra as práticas consolidadas de argumentação racional. É de uma nova ordem discursiva que se trata, com suas ameaças e suas possibilidades. De todo modo, entendemos que aqui já operou o ratchet effect (o “efeito catraca”) de Tomasello: a nova situação é irreversível. Cabe debater como nós, democratas, vamos nos haver para que nesse quadro sejam mantidos, e, se possível ampliados, valores humanistas inestimáveis, quais sejam a liberdade, a equidade, e o senso humano de solidariedade e justiça.

Palavras chave: verdade, democracia e fake news

RESUMO **NASCE UMA VERDADE DE MENTIRA: COMO AS NOTÍCIAS FALSAS ESTRUTURAM OPINIÕES SOBRE TODOS OS TEMAS NA SOCIEDADE?**

Manuela Pinto Vieira D'Ávila¹ e
Gabriele Lanot Gottlieb²

1 Jornalista e Mestra em Políticas Públicas pela UFRGS. Ex-Deputada Federal e Estadual e candidata a Vice-Presidente da República em 2018.

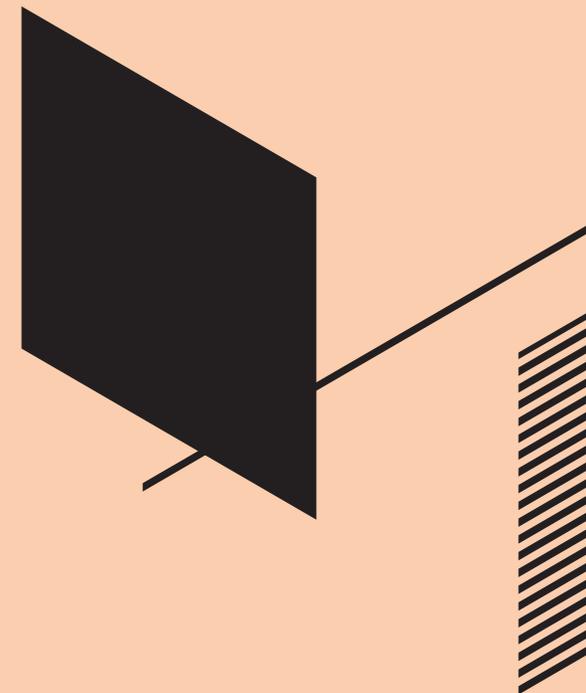
2 Advogada e Mestra em Ciência Política pela UFRGS

Se há poucos anos as notícias falsas atingiam apenas as bolhas de concordância nas redes sociais, hoje as “fake news” tomaram às ruas. Há um crescimento exponencial de desinformação em diversos meios e plataformas. Tornou-se prática comum a utilização de robôs e o uso de instrumentos sofisticados para disseminação de notícias falsas. Verificam-se diversas consequências da distribuição de desinformação ultimamente como, por exemplo, a diminuição do índice de vacinação em crianças, alteração de resultados eleitorais e a potencialização de um ambiente de ódio e violência. Os instrumentos utilizados para a propagação de mentiras são sofisticados e quando não é possível desconstruir um argumento, busca-se deslegitimar e desqualificar seus defensores. Uma das estratégias utilizadas é modular conteúdos para que provoquem os melhores e os piores sentimentos das pessoas, no sentido de gerar engajamento e ampliação do alcance das mensagens. Há estudos que demonstram a

propensão das pessoas em compartilhar opiniões não verificadas com as quais elas concordam e disseminar fatos que elas desejam que seja verdade. Há pouco tempo era fácil tratar os defensores da teoria da terra plana com desdém. Ocorre que são teorias anticientíficas, como esta, que têm justificado os movimentos anti-vacina e o questionamento de fatos históricos amplamente documentados. A propagação de notícias falsas coloca em risco a erradicação de doenças que a universalização da vacinação construiu e torna “questão de opinião” dizer que o nazismo era de esquerda, ou que a escravidão não existiu. Este ambiente em que se utiliza amplamente uma rede de propagação de desinformação não é espontâneo, nem gratuito. Há uma teia de interesses a fim de alcançar resultados políticos e econômicos que agora utiliza recursos tecnológicos amplamente distribuídos, de difícil identificação. Para que estas estratégias sejam efetivas há uma intensa coleta de dados, para criar perfis e categorias dos usuários, a fim de que as mensagens disseminadas sejam mais efetivas.

Palavras chaves: Desinformação, notícia falsa, sociedade

Informações



Modalidades de participação

I. Comunicação

A apresentação de trabalho na modalidade oral será sobre o tema do evento. Serão selecionados 64 trabalhos para apresentação nesta modalidade. Os trabalhos serão apresentados nos dias 22 e 23 de novembro, das 14h às 18h. Cada apresentação terá no máximo 20 minutos de duração, com 10 minutos de debate ao final de cada sessão.

II. Sem apresentação

Todas as atividades do evento (mesas redondas, open fóruns e programação cultural) estão abertas para participação da comunidade, sem necessidade de apresentação de trabalhos. No entanto, os participantes devem pagar a taxa de inscrição do evento.

Submissão de trabalhos

Propostas de apresentação na modalidade comunicação devem ser enviadas exclusivamente através de formulário próprio. As propostas devem conter os dados de contato do proponente, o título do trabalho, o(s) nome(s) do(s) autor(es), seguido(s) por afiliação(ões), grau de estudo (ex.: estudante de especialização; mestrando, doutorando, mestre, doutor) e e-mail(s) de contato, no mínimo três palavras-chave e um resumo com no máximo 4000 caracteres.

Inscrições

Para participar em qualquer uma das modalidades acima descritas, é necessária a inscrição. Há formulários específicos para cada atividade. Ao se inscrever ou enviar trabalho, receberá uma confirmação automática de recebimento. Instruções sobre o pagamento da inscrição serão enviadas nesse e-mail de confirmação.

Valores

Modalidade I

Com apresentação (Comunicação Individual)
R\$ 150,00

Modalidade II

Sem apresentação (Ouvinte)
R\$ 50,00

Datas importantes

25 de agosto a 7 de outubro

Inscrição no evento para apresentação de trabalhos

20 de outubro de 2019

Resultado da seleção dos resumos

21 a 30 de outubro

Pagamento da inscrição

21 a 23 de novembro

Datas do evento

31 de dezembro

Envio dos textos para a publicação na
Revista Cadernos de Linguística

Regras para apresentação

As apresentações devem ocupar um espaço máximo de 20 minutos por apresentação. Um modelo de slides será disponibilizado futuramente, mas a utilização desse modelo é opcional. Os apresentadores devem ficar responsáveis por todas as questões técnicas envolvendo a apresentação, pois a organização do evento não garante suporte para além da disponibilização de equipamentos básicos.

Regras para certificação

Certificados de apresentação de trabalho e/ou participação nas atividades do evento serão conferidos pela Associação Brasileira de Linguística desde que o participante esteja devidamente inscrito e credenciado no evento. Não serão, sob nenhuma hipótese, conferidos certificados para participantes que não se inscreverem no evento e não tenham pago a devida taxa de inscrição. Certificados de apresentação de trabalho só serão conferidos aos participantes que efetivamente apresentaram trabalho(s) no evento.

Publicação de trabalhos

Trabalhos apresentados no evento poderão ser submetidos para publicação no periódico da Abralín Cadernos de Linguística. Os autores que desejarem submeter trabalhos para publicação deverão fazê-lo até o dia 31/12/2019. Os trabalhos devem ser enviados exclusivamente em formato de artigo.

Os artigos poderão ser submetidos em português ou inglês. Antes de submeter os trabalhos, os autores devem se comprometer a realizar uma criteriosa revisão textual. Os autores devem assumir os

problemas textuais presentes nos textos submetidos. Os editores e/ou avaliadores da Revista não farão qualquer tipo de revisão textual.

Os autores que submeterem seus trabalhos estarão automaticamente declarando que foram observados os princípios éticos, bem como cumpridas as exigências legais relativas à ética em pesquisa tanto do país em que mantêm seu vínculo institucional como daquele em que vivem as pessoas participantes da pesquisa.

Os autores que encaminharem um manuscrito devem ter conhecimento de que, caso seja aceito para publicação, o copyright do artigo é transferido para a Abralín, que, por sua vez, utiliza a Licença de Atribuição Creative Commons, que permite o compartilhamento de trabalhos com reconhecimento de autoria. Os textos publicados poderão ser reproduzidos, no todo ou em parte, desde que sejam citadas, de maneira adequada, sua procedência e autoria.

Todos os autores deverão obter gratuitamente o identificador ORCID no endereço: <https://orcid.org/register>

Trabalhos que não seguirem a formatação exigida (apresentada abaixo) serão rejeitados.

Todos os trabalhos serão avaliados por pareceristas. Depois da análise, cópias dos pareceres serão encaminhadas aos autores juntamente com instruções para modificações, quando for o caso.

A publicação do trabalho está condicionada à aprovação do mesmo pela comissão editorial, levando em conta o processo de avaliação.

Mais detalhes acerca da submissão de trabalhos para publicação podem ser encontrados nas Diretrizes para Autores do periódico Cadernos de Linguística.

[LOCAL] **Auditório da ADUNICAMP**

Setor Universitário
851 – Av. Érico
Veríssimo, 1479,
Cidade Universitária
– Campinas, SP

[COMO CHEGAR] abral.in/adunicamp



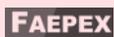
[CONTATO]

**Informações e esclarecimentos
sobre inscrições**

em-cena-14@abralin.org

(82) 99699-9900

apoio



realização



ABRALIN